

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANALISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

TRIEB: A PULSÃO EM FREUD E LACAN

Lívea Gomes de Mello

**São Paulo
2015**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANALISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

TRIEB: A PULSÃO EM FREUD E LACAN

Lívea Gomes de Mello

Orientadora: Eliane Costa Dias

Monografia apresentada como
parte dos requisitos para o
certificado de Especialização
em “Psicanálise e linguagem:
uma outra psicopatologia”.

**São Paulo
2015**

À minha falta.

AGRADECIMENTOS

À Eliane Costa Dias, por todas as orientações, apoio e atenção ao longo da escrita desta monografia.

À professora e coordenadora deste curso, Sandra Dias.

Aos professores que tive o prazer de ter ao longo da vida e especialmente, os que tive a oportunidade de conhecer neste curso. Sou apaixonada pelo saber e pela psicanálise e sei que vocês tem grande parte nisso.

Aos meus amigos e colegas de profissão, pela troca constante de experiência e conhecimentos.

Às queridas Párvati Cortez, Rafaela Moutte, Mariah Beltrami e Raquel Jandozza, que tive o prazer de conhecer, conviver e realizar trocas durante estes dois anos de curso. Vocês continuarão a me inspirar.

Aos meus amigos, aqueles do peito, da vida, sempre presentes em mim.

Ao meu analista.

Aos meus pacientes.

Aos meus pais e irmão, por tudo.

Ao resto, pelos restos que apontaram o caminho deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o conceito de pulsão (*Trieb*), partindo da afirmação freudiana sobre esta doutrina ser a mais importante e ao mesmo tempo, a mais incompleta dentro da psicanálise. Para tal, primeiramente, visitamos os principais textos de Freud sobre o tema, caracterizando a pulsão em seus elementos e vicissitudes e acompanhando-a ao longo de suas divisões binárias feitas pelo autor, até chegar ao dualismo pulsão de vida/pulsão de morte. Em seguida, nos aproximamos do pensamento de Lacan, apresentando a pulsão como colagem surrealista, destacando sua distinção com relação ao instinto e articulando ao tema os conceitos de objeto *a*, *das Ding* e repetição, além de explorar sua parte de conexão com o campo da linguagem e revelar seu caráter monista. Por fim, constatamos a pulsão como força constante e circular, que não cessa de visar a satisfação mesmo que fadada ao desprazer ou à destrutividade. Sua parcialidade é evidenciada ao percebermos a sexualidade humana como marcada pela falta de objeto, mais uma contribuição que aponta sua localização no limite, para além do princípio do prazer e aquém da representação, relacionada à pulsão de morte e ao registro do Real. A essência da pulsão é, assim, caótica e produtora de diferenças, constante re-afirmação da contingência que atravessa sem cessar as necessidades e a existência do sujeito humano.

Palavras-chave: pulsão, Freud, Lacan, pulsão de morte, compulsão à repetição, objeto *a*.

LÍVEA GOMES DE MELLO: *Trieb*: drive in Freud and Lacan. 2015
Supervisor: Eliane Costa Dias

ABSTRACT

This work has the objective of studying the concept of drive (Trieb), starting from the freudian affirmation that this doctrine is the most important and, at the same time, the most incomplete one in psychoanalysis. For that, firstly, we went through Freud's main works on the subject, characterizing drive in its elements and vicissitudes and accompanying it throughout its binary divisions made by the author, until the arrival at the dualism of life drive / death drive. Next, we approached Lacan's thought, presenting drive as a surrealistic collage, highlighting its distinction in regards to instinct and articulating to the subject the concepts of object a, das Ding and repetition, and also exploring its part of connection with the field of language and revealing it's monistic character. Finally, we have noted drive as a constant and circular force, that does not cease to aim satisfaction even if fated to displeasure or destructivity. It's partiality is evidenced upon the realization of human sexuality as marked by the lack of an object, another contribution that points to its location in the limit, beyond the pleasure principle and on this side of the representation, related to the death drive and the Real. The essence of drive is so, chaotic and producer of differences, constant reaffirmation of the contingency that transpasses ceaselessly the needs and the existence of the human subject.

Keywords: drive, Freud, Lacan, death drive, repetition compulsion, object a.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. PULSÃO EM FREUD	14
1.1. Trieb	14
1.2. Instinto e Pulsão	17
1.3. Força constante	20
1.4. Pressão, alvo, objeto, fonte	22
1.5. Vicissitudes da pulsão	27
1.6. Dualidade Pulsional.....	33
1.7. Além do princípio do prazer	35
2. PULSÃO EM LACAN.....	45
2.1. Montagem surrealista	45
2.2. Objeto <i>a</i>	51
2.3. Das Ding	57
2.4. Linguagem	61
2.5. Repetição: Tiquê e Autômaton	70
2.6. Toda pulsão é de morte.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	87

INTRODUÇÃO

A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica. (FREUD, 1924)

A afirmação acima foi feita por Freud em uma nota de rodapé acrescentada em 1924 no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905/1996. Podemos destacá-la como sendo a base para iniciarmos o presente trabalho, que pretende estudar a *Trieb*, “pulsão”, termo traduzido da língua alemã para a portuguesa.

Partimos da afirmação de Freud que a doutrina das pulsões é a parte mais importante de sua teoria e recorremos a Lacan, quando este propõe uma releitura da obra freudiana e afirma que a pulsão como sendo um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise no *Seminário 11*.

Em 1915, Freud inicia seu texto *Os instintos e suas vicissitudes*, um de seus principais textos sobre o tema e talvez o único que se propõe a caracterizar a pulsão de forma mais direta, já sinalizando que estaria a beira de tratar de um tema complexo, “incompleto”, que não teria ainda uma definição exata:

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições [...] Tais ideias – que depois se tornarão os conceitos

básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado [...] Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções [...]. (FREUD, 1915[1996], p.123)

Mas como conceber a pulsão, dita a parte mais importante da teoria psicanalítica, como sendo também a mais incompleta? Esta é uma questão essencial que acompanha este trabalho de forma a inspirá-lo, lembrando que o próprio estatuto da pulsão aponta para a incompletude, para a insatisfação, para a falta.

Mas então, o que seria a pulsão? Uma convenção? Uma invenção? Algo intrínseco ao ser?

A tradução de *Trieb* é muito polêmica devido ao fato de existirem várias possibilidades de significados e conotações do termo em alemão e também pelas peculiaridades que Freud emprega-o ao longo de sua obra.

No entanto, o que vemos é que há uma equivalência de termos, dada principalmente através de equívocos nas traduções, que cobrem boa parte do sentido que *Trieb* traz consigo.

Luiz Alberto Hanns, em 1996, publicou um dicionário de termos utilizados por Freud e que foram retirados diretamente do alemão; vejamos a tradução do termo, sendo *Trieb* um substantivo e seu verbo *Trieben*:

1- Força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene (também utilizado como verbo). 2- Tendência, inclinação. 3- Instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades.

4- Ânsia, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa (também utilizado como verbo) 5- Broto, rebento (vegetais). Designa na botânica o broto que nasce do caule [também utilizado como verbo]. (HANNS, 1996, p.139)

Podemos perceber que todos significados estão relacionados ou remetidos ao sentido de “colocar em movimento”, “propulsionar”. No mesmo dicionário, o autor apresenta algumas conotações de *Trieb* e *Trieben*, sendo “algo que propulsiona, aguilhoa, toca para a frente, não deixa parar, empurra, coloca em movimento [...]” (1996, p.142).

O único significado acima exposto que se relaciona com a tradução de *Trieb* por “instinto” é a que remete a “uma força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades”. Para complicar a situação, na língua portuguesa, “instinto” tem também um significado de intuição, de talento e comportamento estereotipado, significados que não estão presentes no termo alemão *Trieb*. (HANNS, 1996)

É imprescindível notar que quando se realiza a tradução de *Trieb* para o simples “instinto”, traz-se uma conotação diferente da original, já que aponta para algo mais próximo do campo científico, dotado de rigidez, fato que não pertence às conotações que o termo original em alemão possui, que evoca algo da plasticidade.

Segundo Jorge (2000), Freud, ao utilizar o termo *Trieb*, sempre se mantém próximo a ideia de indeterminado, poderoso, anterior ao instinto, que remete ao impessoal, atemporal, arcaico e que, principalmente, coloca o ser humano em movimento.

Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer a polissemia do termo em sua origem alemã e por este motivo, suas dimensões não devem ser separadas. Ao longo das obras de Freud, podemos perceber inclusive uma relação associativa entre *Trieb* e os termos *Reiz* (estímulo), *Drang* (pressão), *Lust* (prazer, vontade) e *Zwang* (coerção). Também, na linguagem coloquial, estes termos podem ser confundidos, significando “tendência-impulso-disposição”. (HANNS, 1996)

É importante destacar que, mesmo com todas essas problemáticas, *Trieb* foi traduzido na edição inglesa por “*instinct*”, e que a primeira edição das obras de Freud no Brasil, a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, foi traduzida a partir dessa tradução inglesa e não diretamente da língua original alemã.

Este fato trouxe algumas consequências para a própria transmissão da psicanálise, gerando mal entendidos e provocando leituras questionáveis no que diz respeito a conceitos importantes da obra freudiana. Neste trabalho, veremos como a tradução do termo alemão *Trieb* por “instinto” na edição brasileira (e em várias outras) teve grande impacto negativo para a compreensão deste conceito tão peculiar apresentado por Freud.

É curioso notar que mesmo em outras edições brasileiras lançadas até hoje, algumas que inclusive fizeram a tradução direta do alemão para o português, o termo “pulsão” continua sendo traduzido por “instinto”. Talvez, por este motivo, a importância da distinção entre pulsão e instinto foi tão enfatizada por Lacan em seu ensino e hoje, se torna um tema essencial no estudo do tema. No *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, ele alerta:

Vocês verão, por exemplo, que a tradução de *Trieb* por *Instinkt*, e de *Triebhaft* por *instinctual*, tem mais inconvenientes para o tradutor que, embora seja mantida por toda parte de maneira uniforme – o que institui essa edição inteirinha no plano do contra-senso absoluto, pois nada há de comum entre *Trieb* e *instinct* – lá naquele texto, o desacordo aparece tão impossível que não se pode nem mesmo levar a frase até o fim traduzindo-se *Triebhaft* por *instintual*. É preciso uma nota escrita – *At the beginning of the next paragraph, the word Trieb...is much more revealing of the urgency than the Word instinctual*. O *Trieb* os futuca mais, meus amiguinhos, é toda a diferença para com o instinto, o assim dito. Aí está como se transmite o ensino psicanalítico. (LACAN, 1964, p.55)

Contudo, esclareço que optei por utilizar a *ESB (Edição Standard Brasileira)* neste trabalho devido a sua acessibilidade e por esta edição já ter traduzido a obra completa de Freud, além de possuir prefácios interessantes escritos pelo editor inglês que auxilia na contextualização dos textos freudianos.

Assim, peço aos leitores que, ao se depararem com as citações freudianas destacadas, substituir o termo “instinto” pelo de “pulsão”, de forma a considerar estas peculiaridades acima expostas.

Freud (1915) situou a pulsão inicialmente como estando na fronteira entre o psíquico e o físico, afirmando ser ela um “conceito-limite”. A pulsão é resistente no que diz respeito ao seu aspecto teórico e parece se situar no interior do discurso psicanalítico, em um lugar não muito tocado. Seu questionamento teórico é complexo, e ainda mais quando pensamos em sua articulação com a clínica.

Teria algo de misterioso na pulsão, algo de inacessível? Ela se referiria ao acaso? Estaria ela situada aonde diante da ordem e da Lei?

Se já estamos afirmando que *Trieb* não deveria ser traduzido e nem pode se confundir com o instinto, podemos nos questionar: da onde vem a *Trieb*, de dentro ou de fora? Terá ela um objetivo, um fim? De que força ela se utilizaria? Ela se satisfaz? Se sim, como? Ela some, acaba, é finita ou infinita? Existiria um objeto que ela visaria? A que outros conceitos dentro da psicanálise ela pode se articular?

Diante das questões acima, ao longo deste trabalho, iremos apresentar a *Trieb* como conceito fundamental da psicanálise tanto para Freud quanto para Lacan, por meio de pesquisa bibliográfica e tomando-os como autores referência. Assim, visa-se responder (é possível?) o que é a pulsão, tendo como esperança intrigar o leitor ao perceber seu caráter peculiar e caótico.

Não se tem a pretensão de abarcar todas as questões relacionadas ao tema, mas sim, produzir outras, já que, como poderemos ver, a pulsão solicita e remete a articulação com muitos outros conceitos importantes para a psicanálise que tomam-na como base.

Como base para o capítulo I foram utilizados principalmente os textos freudianos *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) e *Além do Princípio do Prazer* (1920), com o objetivo de apresentar o conceito de pulsão, sua caracterização e distinção com relação ao instinto e sua divisão binária, que logo é questionada por Lacan.

No capítulo II, nos aproximamos do pensamento de Lacan, que retoma a pulsão em Freud e resgata seu lugar de conceito fundamental da psicanálise.

Passamos pela ideia da pulsão como uma montagem, “colagem surrealista” e de sua necessária diferenciação do instinto para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, articulando ao tema os conceitos de objeto *a*, *das Ding* freudiano e repetição, além de apresentar a relação da pulsão com o significante, com os registros, principalmente, o do Real, e finalmente, sublinhar seu caráter monista segundo Lacan.

Para isso, foram utilizados os textos *Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista*, *Posição do inconsciente* e *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, contidos nos *Escritos* (1966) e o *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964.

No auxílio para a discussão e problematização do tema, convocamos autores como Garcia-Roza, Coutinho Jorge, Luiz Alberto Hanns, Miller, Jaanus, Brousse, dentre outros.

Durante o percurso deste texto, questões são produzidas. Poderemos, ao final, nos questionar a cerca do lugar e do manejo da pulsão na direção do tratamento analítico, suas possíveis vicissitudes e seu papel da criatividade.

1. PULSÃO EM FREUD

1.1. Trieb

Como vimos, o termo *Trieb* (pulsão) é corrente na língua alemã e faz seu aparecimento nos textos freudianos já nos anos 1890, mesmo que em empregos mais sutis, em que o termo ainda não aparece em um nível conceitual.

Nos textos iniciais (*Projeto de 1895; Estudos sobre a Histeria*), era frequente utilizar os termos *pulsão (Trieb)*, *excitação pulsional (Triebregung)*, *moção de desejo (Wunschregung)*, *estímulo pulsional (Triebreiz)*, *excitação (Erregung)* e outros de forma substitutiva, o que tornou a pesquisa sobre a gênese do conceito de pulsão ainda mais difícil. (GARCIA-ROZA,1995)

Hanns (1999) nota que o termo *Trieb* em alemão segue diversas possibilidades que a polissemia da palavra permite, remetendo muitas vezes ao conjunto articulado do circuito pulsional e em outras, nomeando um momento em particular do circuito ao nível do sujeito ou um elo do circuito, como por exemplo, *pressão (Drang)*.

Mesmo com toda a imprecisão do termo, Garcia-Roza (1995) afirma que não houve momento no qual Freud tenha empregado os termos *Trieb* (pulsão) e *Instinkt* (instinto) como sinônimos e que o próprio termo “*Instinkt*” só foi empregado muito raramente em toda sua obra.

Se adentrando na questão conceitual do termo, é importante destacar mais uma vez que o próprio Freud considerou a pulsão como um dos conceitos

fundamentais da psicanálise, identificando-o com uma convenção ou uma ficção teórica, que não corresponde a algo imediatamente visível e identificável.

Garcia-Roza (1995) apresenta-o como sendo talvez seu conceito mais original e destaca sua finalidade de constituir uma nova inteligibilidade, produzindo interrogações junto com outros conceitos fundamentais de qualquer ciência:

Esses conceitos não correspondem a um saber já existente e que eles refletem, tampouco têm por finalidade criar uma imagem de formalização desse saber, uma espécie de arrumação científica da *doxa*; o que na verdade eles fazem é produzir um furo na *doxa*. Mais do que taparem os furos do saber existente, eles evidenciam esses furos ou criam novos furos. Os conceitos fundamentais aos quais estou me referindo não correspondem a um saber, mas a um vazio no saber, a uma interrogação que dará lugar a uma hipótese. No entanto, para serem verdadeiros conceitos fundamentais, devem pretender responder a verdadeiros problemas. Este é o caso do conceito de pulsão. (GARCIA-ROZA, 1995, p.81, grifo do autor)

Vinte anos após ter proposto sua conceituação pela primeira vez, Freud declara que “a doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica.” (FREUD, 1924 [1996], p.159). Podemos observar, portanto, que o conceito de pulsão não nasceu pronto, com seus contornos definidos e livre de ambiguidades e que sua opacidade inicial na obra de Freud ocorre devido a sua característica de novidade.

A pulsão, mais especificamente, a pulsão sexual aparece pela primeira vez na obra de Freud como conceito no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), havendo uma indefinição sobre a pulsão ser psíquica ou não psíquica: em certos momentos, ela é tratada como estímulos constantes provenientes do próprio corpo (pulsão como não psíquica) e em outros, é

empregada como sendo “representante psíquico” desses estímulos (neste caso, a pulsão seria psíquica).

Em um acréscimo realizado em 1915 a este parágrafo que tratou a pulsão como representante psíquico, Freud (1905) afirma que a pulsão é um conceito que se situa na fronteira entre o anímico e o físico, logo, que articula o anímico e o somático.

Uma característica da pulsão que fica clara no mesmo texto é de sua fonte exclusiva ser o corpo ou os “órgãos do corpo”, quando afirma que “a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico.” (FREUD, 1905 [1996], p. 159).

Em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, Freud (1914 [1996], p. 92) afirma que reconhece nosso aparelho mental como sendo “um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos”. Podemos interpretar que o aparelho mental, então, tem função de captura, transformação e ordenação das intensidades que chegam do externo do aparato.

Assim, Freud, em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), considera a pulsão como um estímulo *para* o psíquico – e não um estímulo psíquico, no sentido de provir dele. Esta definição da pulsão (estímulo para o psíquico) se torna essencial para a percebermos como externa ao psíquico, de forma a fazer exigência de trabalho ao aparelho psíquico pela sua conexão com o corpóreo:

(...) um 'instinto' nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915[1996], p.127)

Sendo externa ao aparelho psíquico, Garcia-Roza (1995) conclui que a pulsão não é regida pelos mesmos princípios que regulam o funcionamento deste aparato e esta só é no momento em que é capturada por ele. Assim, o autor destaca a importância da distinção entre a pulsão ela própria e sua forma de presentificação no aparato psíquico:

Finalmente, distinguir a pulsão (*Trieb*) e sua forma de presentificação no aparato (*Triebreprasentanz*) corresponde a admitir duas regiões do campo psicanalítico: uma, a do aparato psíquico (onde se situam os *Triebreprasentanz*), regida pelo princípio do prazer, e outra, externa à regência do princípio, região que se situa para além do princípio do prazer e que diz respeito ao *Trieb* propriamente dito. Se identificarmos o aparato psíquico como o lugar da *ordem*, ordem das representações, ordem dos significantes, ordem resultante do domínio do princípio do prazer e do princípio de realidade, então as pulsões ocupariam o lugar do caos, pura dispersão de intensidades pulsionais." (GARCIA-ROZA, 1995, p.84-85)

Essas duas regiões não devem se confundir, porém é necessário perceber que se implicam, não sendo independentes uma da outra, já que não há pulsão sem representação, assim como não há representação sem pulsão.

1.2. Instinto e Pulsão

A pulsão sempre foi marcada por certa obscuridade, já que sempre houve questões a cerca de sua origem e natureza. Assim, se perguntam: ela se deriva de funções biológicas? No que as pulsões se diferenciariam do instinto?

Acredita-se que, por um bom tempo, “pulsão” e “instinto” foram consideradas sinônimos devido às aproximações da pulsão com as funções orgânicas relacionadas à conservação do indivíduo e pela hipótese formulada por Freud nos *Três Ensaio sobre a Sexualidade* (1905) de “apoio” inicial das pulsões sexuais nas funções corporais relacionadas a conservação da vida.

Cada pulsão responderia a uma finalidade biológica da espécie que estaria subjacente aos comportamentos individuais e coletivos. Utiliza [Freud], para tal, conceitos como ‘pulsão de autopreservação’, ‘pulsão sexual’, ‘pulsão de gregorismo’, etc. (HANNS, 1999, p.38)

Um bom exemplo se encontraria no recém-nascido que busca repetir a experiência de satisfação que obteve ao sugar o seio pela primeira vez através de um comportamento auto-erótico: só no momento que o prazer de sugar independe da função de nutrir que se pode falar em pulsão sexual. Assim, a ideia é que até o surgimento do auto-erotismo, as pulsões se *apoiavam* nas funções biológicas, tornando-se autônomas na medida que vão se desfazendo aos poucos desse apoio. (GARCIA-ROZA,1995)

Assim, no auto-erotismo, momento primeiro da sexualidade infantil, em que o sujeito obtém satisfação recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, é que se marcaria o surgimento da pulsão:

(...) O auto-erotismo marcaria o ponto de disjunção do pulsional com relação ao instintivo. Do ponto de vista ontogenético, seria o momento da perda do instinto. Tendo perdido o instinto, o ser humano teria perdido também o objeto natural, sendo lançado, a partir de então, numa errância pulsional em busca de uma satisfação impossível. (GARCIA-ROZA,1995, p.108)

No *Vocabulário da Psicanálise*, Laplace e Pontalis (1982) apresentam o conceito de auto-erotismo vinculado a tese fundamental da contingência do objeto da pulsão sexual, como veremos nos próximos tópicos. Perceber que a satisfação pode ser obtida sem se voltar a um objeto seria mostrar que não existiria um caminho traçado, pré-formado, que aponte para o sujeito um objeto determinado.

Contudo, Garcia-Roza (1995) afirma que a chamada teoria do apoio recebeu uma extensão muito maior, sendo supervalorizada por alguns comentadores da psicanálise mais do que pelo próprio Freud. Acrescenta que se analisarmos as menções de Freud a cerca do tema de apoio, não há distinção em relação ao instinto se a preservação implicada nas pulsões de autoconservação é a do ser vivo. Assim, mais uma vez, surge um questionamento a cerca das pulsões de autoconservação, nos levando a concluir que ou elas não são pulsões, ou se são, não seriam de autoconservação:

Mesmo que admitamos, a partir da etologia, que o instinto inclua comportamentos “socializantes”, ele é considerado fundamentalmente como um comportamento preestabelecido, relativamente imutável, que implica caminhos pré-formados visando a um fim específico. Para que as pulsões de autoconservação possam dar conta da conservação da vida, elas tem que manter uma certa fixidez da relação entre a fonte (necessidades biológicas) e o objeto (objeto específico para necessidades específicas), o que contraria a montagem da pulsão feita por Freud em *Pulsões e destinos de*

pulsão, onde a fonte é múltipla e inespecífica, o mesmo acontecendo com o objeto. (GARCIA-ROZA, 1995, p.109)

Trataria de se discutir, a partir de então, o apoio das pulsões sexuais nas funções biológicas, logo, na verdade, o apoio da pulsão no instinto.

Podemos concluir que, mesmo que existam inúmeras teorias de diferentes autores sobre o instinto, a distinção do conceito de pulsão e do instinto deve permanecer, já que independente de qual seja a concepção de instinto, sempre implica em um padrão estável de comportamento, que se relaciona a esquemas inatos e foca na finalidade adaptativa, características que não pertencem ao conceito freudiano de pulsão:

A concepção freudiana do *Trieb*, como força impulsionante relativamente indeterminada quanto ao comportamento que induz e quanto ao objeto que fornece a satisfação, difere nitidamente das teorias do instinto, quer na sua forma clássica, quer na renovação que lhes trouxeram as pesquisas contemporâneas (noção de padrão de comportamentos, de mecanismos inatos de desencadeamento, de estímulos-sinais específicos, etc). O termo instinto tem implicações nitidamente definidas, muito distantes da noção freudiana de pulsão. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1982, p.242)

1.3. Força constante

Um conceito básico convencional, que no momento ainda é algo obscuro, mas que nos é indispensável na psicologia, é o de um 'instinto'. (FREUD, 1915 [1996], p.123)

Logo no início de *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud (1915) chega à natureza essencial da *Trieb*, identificando suas duas características

primordiais: sua origem em fontes de estimulação localizadas no interior do próprio corpo e seu aparecimento como uma força constante:

Um instinto, por outro lado, jamais atua como uma força que imprime um impacto *momentâneo*, mas sempre como um impacto *constante*. Além disso, visto que ele incide não a partir de fora mas de dentro do organismo, não há como fugir dele. O melhor termo para caracterizar um estímulo instintual seria 'necessidade'. O que elimina uma necessidade é a 'satisfação'. (FREUD, 1915[1996], p.124)

Garcia-Roza (1995) afirma que o termo 'necessidade' aplicado aos estímulos pulsionais por Freud na citação acima só poderia designar “o caráter imperativo do impulso pulsional, algo do qual não podemos fugir e que mesmo sua satisfação é discutível”, nos lembrando da diferença e da importância de não confundir instinto e pulsão.

Segundo Freud (1915), o sistema nervoso tem a tarefa de dominar estímulos tanto endógenos quanto exógenos ao corpo, e a diferença entre eles é justamente que os últimos operam como uma força momentânea que podem ter fim por meio de uma ação adequada e os primeiros são os que atuam como força constante e que não há ação que conseguiria extingui-los por completo. É interessante notar como neste ponto, Freud já destaca esse caráter essencial da pulsão – uma força constante que insiste e que não cessa de visar sua satisfação. Podemos ver aqui, talvez, a base do que Lacan desenvolverá posteriormente com a noção de “gozo”.

Os estímulos pulsionais, que são os de força constante e que se originam de dentro do organismo, são apontados por Freud (1915) como forças

essenciais para o desenvolvimento do sistema nervoso, já que o exigem muito mais através da solicitação de diferentes ações na tentativa de removê-los:

Acima de tudo, obrigam o sistema nervoso a renunciar à sua intenção ideal de afastar os estímulos, pois mantêm um fluxo incessante e inevitável de estimulação. Podemos, portanto, concluir que os instintos, e não os estímulos externos, constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual. (FREUD, 1915[1996], p.126)

Percebemos que Freud tinha a intenção de diferenciar os estímulos provenientes do próprio corpo, dividindo-os entre os fisiológicos (fome, sede) e os estímulos pulsionais propriamente ditos (a excitação). No texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), ele acaba por estender a erogeneidade a todos os órgãos do corpo.

1.4. Pressão, alvo, objeto, fonte

Há quatro termos utilizados por Freud em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) na sua montagem do conceito de pulsão e é importante ressaltar que nenhum deles responde isoladamente pela sua natureza.

O primeiro deles é a *Drang* (pressão), que auxilia na definição da pulsão como sendo “(...) seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todos os instintos; é, de fato, sua própria essência.” (FREUD, 1915 [1996], p. 127)

Mesmo sendo definida por Freud como a propriedade universal e a própria essência da pulsão, relembramos que a *Drang* não é suficiente para defini-la. Outro aspecto importante é ela fazer exigência de trabalho ao aparato anímico.

Garcia-Roza (1915) identifica a função biológica como aquela que marca o ritmo, possui alternância e tem a possibilidade de satisfação pela eliminação do estado de estimulação da fonte. A pulsão não está a serviço dessa mesma função, como a própria constância de sua pressão nos mostra. A pressão também está presente no instinto, porém, há uma diferença entre a pressão de uma necessidade (ex: fome), que é uma força de choque momentânea e a pressão de uma pulsão, que é força constante.

O segundo termo utilizado por Freud (1915) para definir a pulsão é a sua *Ziel* (alvo/finalidade), que é “sempre a satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto.”. A satisfação como alvo permanece invariável para todas as pulsões, mas ele alerta que os caminhos que conduzem a ela podem ser diversos, verificando alvos intermediários que podem se confinar e se intercambiar, produzindo satisfações parciais.

Uma das reflexões imediatamente produzidas é se haveria alguma satisfação que não fosse parcial, já que a pulsão se caracteriza por sua força constante, cujo cancelamento de estimulação é impossível.

Segundo Jorge (2000), a sublimação, o recalque, o sintoma e os demais destinos das pulsões são satisfações parciais e o alvo da pulsão (a satisfação

total) é justamente para não ser atingido, e isto decorre não pela falta de meios adequados, mas em decorrência da própria natureza da pulsão:

Para Freud, há algo na própria natureza da pulsão que parece fadá-la à insatisfação, havendo sempre uma diferença ineliminável entre a satisfação almejada e aquela obtida. A pulsão 'pressiona sempre para frente, indomada', no sentido de atingir a satisfação completa, que jamais é conseguida, e nenhuma formação reativa ou substitutiva, ou sequer mesmo uma sublimação, remove por completo a tensão persistente da pulsão, sua *força constante*. (JORGE, 2000, p.55)

Assim, constatamos que a própria impossibilidade de satisfação total da pulsão é necessária para a continuidade do circuito pulsional. Freud (1915) aponta o deslocamento da pulsão durante sua existência como algo que desempenha papéis importantes.

Outro conceito apresentado por Freud para caracterizar a pulsão é seu *Objekt* (objeto):

(...) é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. (FREUD, 1915[1996], p.128)

A pulsão solicita um objeto, já que somente por meio dele a satisfação, mesmo que seja parcial, pode ser obtida. Mas é importante ter em mente que solicitar um objeto não implica ser este um objeto específico, mas também, não poderia ser este qualquer um:

Esse objeto inespecífico não é, contudo, qualquer objeto, mas aquele que liga-se a ela pela sua “peculiar aptidão” para possibilitar a satisfação. (...) Resta a possibilidade dessa particular aptidão estar vinculada à história do sujeito, ao seu desejo e às suas fantasias. (GARCIA-ROZA, 1995, p.92)

Desta maneira, podemos concluir que nenhum objeto de nenhuma necessidade satisfaz a pulsão e que entre esta e o objeto, há o desejo e a fantasia para realizar a mediação e a consequente escolha objetal.

O texto freudiano nos deixa claro um caráter fundamental da relação entre pulsão e objeto. Segundo Garcia-Roza (1995), quando Freud elabora o conceito de investimento no *Projeto de 1895* e, portanto, começa a tratar sobre investimento de objeto e investimento pulsional, não significaria então que a pulsão investe objetos externos, mas sim representações-objeto. O objeto do investimento da pulsão não é um objeto externo (coisa-do-mundo), mas sim uma representação, assim como o objeto do desejo.

Portanto, o objeto é constituído pela articulação do conjunto de imagens sensoriais com a palavra (representação-palavra) e é ela que confere às imagens dispersas uma unidade e significado, transformando as *associações de objeto* em *representação-objeto*.

Freud (1915[1996]) acrescenta que o objeto da pulsão pode se modificar inúmeras vezes ao longo do caminho das pulsões enquanto busca satisfação. Define ‘fixação’ como sendo “uma ligação particularmente estreita do instinto com seu objeto”, e que ela ocorre com frequência em períodos iniciais do desenvolvimento da pulsão.

O quarto e último termo que auxilia na montagem da pulsão é sua fonte, ou *Quelle*, que podemos entender como “(...) o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto.” (FREUD, 1915 [1996]).

Esta afirmação freudiana é clara ao apontar o estímulo corporal como fonte da pulsão, porém pode induzir o leitor a concluir que a pulsão seria psíquica e o estímulo corporal.

Como vimos anteriormente, Freud apresenta a pulsão como um estímulo para o psíquico e que por isto, não devemos equiparar pulsão e estímulo psíquico. É crucial compreender que uma coisa é a *Trieb* e outra são as formas pelas quais a *Trieb* pode ser representada na vida mental. Hanns explica o circuito:

Os estímulos pulsionais [...] brotam de uma fonte somática [geralmente um órgão ou glândula] que emite estímulos. Estes chegam à psique e lá são percebidos pelo sujeito sob a forma de imagens (*Vorstellung*, representações) e afetos. [...] A ação que leva à descarga (pulsional) será guiada por imagens e afetos que representam e qualificam o objeto de satisfação desejado e o percurso para atingi-lo. (HANNS, 1999, p.50-51)

Trataremos no próximo item a respeito das vicissitudes da pulsão, abarcando os representantes psíquicos da pulsão citados acima: *Vorstellung* (representação) e *Affekt* (afeto).

Assim, o importante e decisivo da pulsão, retomando Freud, é sua origem na fonte somática; corporal e não-psíquica. A pulsão tem origem num “processo somático”, numa “parte do corpo”, num “órgão”, no entanto, a ordem

e a inteligibilidade desse corpo não entram em questão, já que não são pertinentes quando se trata de produzir uma inteligibilidade para as pulsões. (GARCIA-ROZA,1995)

Freud também aponta que, embora as pulsões sejam determinadas por sua origem numa fonte somática, acabamos por conhecê-las em nossa vida mental somente por suas finalidades. É importante ressaltar que o aparato psíquico só recebe quantidades e não qualidades, de forma que todas as pulsões são qualitativamente semelhantes e se há alguma distinção entre elas, é devido à magnitude da excitação e a diversidade de suas fontes (FREUD,1915). Se a pulsão diz respeito a um *quantum* de excitação, como entender as qualidades que o sujeito experimenta?

1.5. Vicissitudes da pulsão

Em seu texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud diz *Schicksal*, que se traduz destino, aventura, vicissitude. *Tribschicksale* pode ser traduzido por “destinos da pulsão” ou “vicissitudes da pulsão” e sob alguns aspectos, concordamos com Garcia-Roza (1995) ao apontar o termo “vicissitudes” como mais adequado por manter a ideia de errância que é a marca da pulsão, já que “destino” traz algo de um caminho preestabelecido.

Como vimos anteriormente, a pulsão, assim que capturada pelo aparato psíquico, percorre um caminho em direção à satisfação que não se dá de forma direta e imediata, esbarrando nas exigências da censura. Por este motivo, Freud (1915) caracteriza as vicissitudes das pulsões também como

modalidades de defesa contra as pulsões, já que reconhece a existência de forças motoras que as impedem de serem elevadas até o fim de forma não modificada.

A *Vorstellung* (o representante ideativo) e o *Affekt* (o afeto) são apresentadas por Freud como sendo os dois representantes psíquicos da pulsão, ou seja, toda pulsão se exprime nesses dois registros, sendo que cada um deles possui destinos distintos que obedecem a diferentes mecanismos de transformação.

Em seu texto *Repressão* (1915), Freud define o afeto como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional, ou seja, ele seria a expressão qualitativa da quantidade de energia da pulsão e de suas variações. Já a representação seria o complexo de imagens, que se inscreve nos sistemas mnésicos. É destacado sempre que, apesar do afeto se ligar a uma representação originalmente, esta ligação não é necessária, podendo o afeto se deslocar de uma representação para outra. Quando um mecanismo defensivo atinge um desses dois representantes psíquicos, não significa que o outro também foi atingido; esta ideia está na origem do recalque, e aponta para vicissitudes diferentes de cada um.

As vicissitudes do afeto são apresentados por Freud numa carta a Fliess através dos três seguintes mecanismos: transformação de afeto, deslocamento de afeto, e troca de afeto. (LAPLACHE E PONTALIS, 1982).

Já no texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud define quatro vicissitudes do representante ideativo das pulsões: transformação no contrário, retorno para a própria pessoa, recalque e sublimação.

Segundo Freud (1915), a transformação no contrário da pulsão pode se dar por meio de dois processos distintos: como mudança de objetivo ou como reversão de seu conteúdo.

A mudança de objetivo acontece na inversão da atividade para a passividade, e é exemplificado por Freud nos pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo, onde o objeto ativo maltratar ou olhar é substituído pelo passivo ser maltratado ou ser olhado.

Já a reversão no que diz respeito ao conteúdo ocorre no exemplo isolado da transformação do amor em ódio.

No processo do retorno da pulsão em direção ao próprio eu da pessoa, Freud (1915) afirma que há uma mudança de objeto, porém a finalidade permanece inalterada. Explica que o masiquismo é o sadismo que retorna em direção ao próprio eu do indivíduo, assim como o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo.

Freud reconhece que nestes exemplos citados de transformação da atividade em passividade e de retorno para o próprio eu há uma convergência ou coincidência nos processos, já que no exemplo do sadismo-masiquismo, a passagem da atividade para a passividade implica também na mudança de objeto da própria pessoa no lugar do outro.

Também, é muito comum encontrar ambos sentimentos se dirigindo para o mesmo objeto, sendo um importante exemplo da ambivalência. Além do par de opostos amor-ódio, Freud (1915) afirma que o amor admite outros dois pares de oposição: amar-ser amado (transformação da atividade em passividade) e amar e odiar-indiferença.

Remete também estas três formas de oposição ao amar às três polaridades que, segundo ele, regem toda a vida anímica: 1) Sujeito(eu) – Objeto (mundo externo); 2) Prazer-Desprazer; 3) Ativo-Passivo:

Podemos resumir dizendo que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelos instintos está na *sujeição dos impulsos instintuais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental*. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo externo como a *real* e, finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade *econômica*. (FREUD, 1915[1996], p.144, grifo do autor)

Como destacado na citação acima, as vicissitudes sofridas pelas pulsões dependem da sujeição dos impulsos pulsionais a essas três polaridades.

A primeira polaridade, diz Freud (1915), acontece em um período que o eu coincide com o que é agradável e o mundo externo (objeto) com o que é indiferente. Neste período, o eu não necessita do mundo externo por ser auto-erótico.

No entanto, devido às pulsões de autopreservação, o eu começa a se relacionar com objetos desse mundo externo e sente os “estímulos pulsionais internos” como desagradáveis. Assim, como consequência, vemos a montagem da segunda polaridade, que corresponde ao prazer-desprazer (amor-ódio) quando dos objetos que são apresentados para o eu, aqueles que sente como fontes de prazer são introjetados e os que se tornam causa de desprazer são expelidos para fora.

Freud (1915) explica que o “eu da realidade” realiza a distinção do interno e do externo e se transforma em um “eu do prazer”, que valoriza o prazer acima de tudo. Após essa transformação, as duas polaridades acabam por coincidir novamente: o eu coincide com o prazer e o mundo externo com o desprazer (com o que antes era indiferente).

Quando esta fase narcisista dá espaço para a fase objetual, o prazer e o desprazer significam relações entre o eu e o objeto. Desta forma, Freud (1915) nos alerta que as qualidades amor e ódio não podem ser utilizadas nas relações entre a pulsão e seus objetos, mas somente nas relações entre o “eu total” e os objetos, já que não faz sentido a pulsão “odiar” tal objeto, sendo seu único alvo a satisfação.

A terceira polaridade atua com a atividade e a passividade e é representada pela transformação do amar em ser amado, assim como no caso do voyeurismo e sadismo.

Em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud não tratou do conceito de recalque como fez com as demais vicissitudes da pulsão. Ele optou por escrever o artigo *Repressão* (na tradução original e direta, *Recalque*) para tratar do tema, também em 1915.

Em sua operação, o recalque visa repelir ou manter no inconsciente representações ligadas a uma determinada pulsão. Ele é produzido em situações que a satisfação da pulsão poderia proporcionar desprazer tomando como referência outras exigências. (LA PLANCHE E PONTALIS, 1982)

Uma de suas características principais é a exigência de um constante dispêndio de força, já que o recalcado faz pressão constante em direção ao

consciente, se fazendo necessário uma pressão incessante no sentido contra na tentativa de equilíbrio.

Desta forma, é interessante notar que a própria definição de recalque como processo contínuo coincide com a definição apresentada por Freud da pulsão como *konstant Kraft*, trazendo certa noção do alto consumo de energia que o recalque exige para lidar com a força constante da pulsão. (JORGE, 2000)

Mais uma das vicissitudes da pulsão apresentadas por Freud é a sublimação, que se caracteriza pelo desvio da pulsão do seu objetivo sexual, indo em direção a outros objetivos que não aparentam ter relação com o sexual. É importante sublinhar que ocorre uma dessexualização do objeto, que não implica na dessexualização da pulsão em si.

Assim, as atividades sublimatórias aparecem sem relação aparente com a sexualidade, mas encontram o elemento que as propulsionam nas forças das pulsões sexuais. Ocorre a troca de um objeto sexual por outro mais acessível e valorizado socialmente. O ideal do eu faz o papel de desencadeador, indicando a direção ao processo sublimatório, já que este depende dos ideais simbólicos e dos valores sociais de determinada sociedade para ser sublimado (LAPLANCHE E PONTALIS, 1982).

Ela é um processo defensivo, estando entre as modalidades de defesa contra a pulsão, e portanto, não é livre da censura que ordena o desvio do sexual:

Trata-se, segundo Freud, da pulsão do 'alvo inibido', isto é, de processos nos quais há um avanço no sentido da satisfação mas ao

mesmo tempo uma inibição ou um desvio desse alvo. Tal inibição ou tal desvio não impedem, contudo, que haja uma satisfação parcial, o que é possível graças à plasticidade das pulsões. (GARCIA ROZA, 1995,p.133)

Garcia-Roza (1995) lembra que a sublimação tem seus limites devido a esta plasticidade das pulsões não ser ilimitada e acrescenta que “se toda satisfação fosse obtida por sublimação, talvez faltasse a intensidade necessária para *comover nossa corporeidade*.” (p.135)

O que o autor quer dizer quando diz da necessidade de comover a corporeidade? O fundamental da sublimação é que a pulsão permanece com sua qualidade sexual (libido): o que ocorre é o deslocamento do investimento libidinal, havendo um desvio da energia sexual para um fim não sexual, ou seja, o sexual se serve do não sexual para obter a satisfação desejada. Assim, vemos que a sublimação está a serviço do sexual e é o próprio sexual que move o processo.

Devemos lembrar que a insatisfação é a marca do ser humano, já que só há possibilidade de obter satisfações parciais e do ponto de vista energético, a satisfação só é obtida pela descarga total da excitação, algo impossível de ocorrer. Assim, o Garcia-Roza reflete: “não seriam todas essas buscas igualmente infrutíferas, se admitimos que todas elas são movidas pela pulsão, cujo alvo é precisamente manter-se como *konstante Kraft*?” (1995, p.139)

1.6. Dualidade Pulsional

No artigo *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), Freud faz a primeira distinção entre as pulsões: as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. Coloca-as em oposição, caracterizando a primeira como servindo à sexualidade e ao prazer sexual, tendo a libido como energia e a última como tendo por meta a autoconservação do indivíduo.

Mesmo designando processos que não se superpõem necessariamente, é comum vermos o tratamento dos termos “pulsões de autoconservação” e “pulsões do eu” como sinônimos:

O termo *pulsões de autoconservação* designa as necessidades ligadas às funções corporais cujo objetivo é a conservação da vida do indivíduo. (...) O termo *pulsões do eu*, por sua vez, acentua não tanto a função mas o objeto. Por se supor que o eu esteja a serviço da conservação do indivíduo, faz-se corresponder as pulsões de autoconservação às pulsões do eu, empregando-se os termos como sinônimos.” (GARCIA-ROZA,1995, p.100, grifo do autor)

Em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), Freud introduz o conceito de narcisismo, revelando que o eu também é objeto de investimento libidinal (das pulsões sexuais). Este conceito essencial abriu questionamentos sobre a divisão das pulsões apresentada anteriormente: o eu, agora, é apresentado como sexualizado; como então as pulsões do eu poderiam ser entendidas como não-sexuais?

Se dando conta da contradição que surge com a apresentação do conceito de narcisismo na teoria psicanalítica, Freud faz a distinção dentro do campo das pulsões sexuais entre libido do eu e libido objetual, podendo assim distinguir quando a libido toma como objeto de investimento a própria pessoa e quando toma um objeto do exterior. (JORGE,2000)

Em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud afirma que a finalidade pela qual as pulsões sexuais lutam é o prazer do órgão e que estas estariam originalmente ligadas às pulsões de autoconservação, porém se separavam delas de forma gradual. Também, acrescenta que as pulsões sexuais são capazes de mudar de objetos e de exercer funções que não se ligam com as intenções originais, como na sublimação.

Diante do formulado, a seguinte questão se abre: por que chamar as pulsões de autoconservação de pulsões? São as chamadas “pulsões sexuais” que se apresentam ao longo da obra de Freud como sendo as reais pulsões pela descrição apresentada por Freud. As chamadas pulsões de autoconservação não se aproximariam mais do conceito de instinto do que da pulsão?

Garcia-Roza (1995) aponta que quando Freud utiliza em seus textos o termo “pulsão” puro e simplesmente, ele está tratando da pulsão sexual e que desde que produziu seu conceito, deixou lugar na teoria das pulsões para o não sexual.

O próprio Freud (1915) afirma que esta divisão é uma hipótese de trabalho, alertando que esta divisão deveria permanecer somente enquanto se mostrasse útil para o trabalho. Veremos que com a publicação de *Além do Princípio do Prazer*, em 1920, esta hipótese é descartada e surge uma outra divisão das pulsões, a partir do conceito introduzido de pulsão de morte.

1.7. Além do princípio do prazer

Como comentado anteriormente, apesar de apresentar as pulsões como sendo todas da mesma índole no aspecto qualitativo, Freud distinguiu inicialmente as pulsões em dois grupos de pulsões primordiais: as pulsões de autoconservação, ou pulsões do eu, e as pulsões sexuais. Vimos que, enquanto estas últimas visam ao prazer do órgão, as primeiras visam à autoconservação do indivíduo.

Em 1920, com a publicação do texto *Além do princípio do prazer*, outra oposição surge.

No início do texto, Freud (1920) se ocupa do prazer, desprazer e se sua relação com o princípio do prazer. Afirma que o princípio de prazer decorre do princípio de constância e que o prazer é relacionado a uma diminuição de excitação na mente e o desprazer, a um aumento dela.

Na mente, há uma “forte tendência no sentido do princípio do prazer”, porém, é incorreto falar em sua dominância, já que não há uma imensa maioria dos processos mentais que é acompanhada ou conduz ao prazer (FREUD, 1920).

O princípio de realidade é influenciado pelas pulsões de autopreservação do eu e substitui o princípio do prazer. Segundo Freud (1920), ele não deixa de tentar ter prazer, porém percorre um caminho longo e indireto, de forma a adiar a obtenção da satisfação, abandonar suas diversas possibilidades e tolerar por um tempo o desprazer.

Também, afirma que o processo de recalque transforma a possibilidade de prazer em uma fonte de desprazer e que, na verdade, todo desprazer é um prazer que não pôde ser experimentado:

(...) pode-se afirmar com certa justificativa que sua presença (desprazer) não contradiz a dominância do princípio do prazer. A maior parte do desprazer que experimentamos é um prazer *perceptivo*. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte dos instintos insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um 'perigo'. (FREUD, 1920, p. 21, grifo do autor)

Em uma nota de rodapé acrescentada em 1925 ao texto, Freud esclarece que isso ocorre devido ao fato dos sentimentos de prazer e desprazer serem conscientes e, portanto, ligados ao eu.

Freud, no mesmo texto, a partir de observações clínicas, também trata do tema da repetição de algo desprazeroso, como nos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas que levam o paciente repetidamente de volta à situação traumática, e que causam sensação de desprazer. Observa uma criança brincando e encenando ela mesma o desaparecimento e o retorno dos objetos ao seu redor e se questiona: “a criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio do prazer?” (FREUD, 1920[1996], p.25) Conclui que nesta brincadeira que nomeou de “fort-da”, a criança que antes se encontrava em uma posição passiva, se sentindo dominada pela experiência passa a repetir a situação, mesmo que desagradável, como um jogo, conseguindo obter um papel ativo.

A partir disso, Freud (1920) afirma que o paciente também repete o material recalcado como se fosse uma experiência atual já que não pode recordá-lo como algo do passado. Estas experiências, inclusive as indesejadas e penosas também são atuadas na transferência, sendo revividas.

Segundo Freud (1920), a compulsão à repetição tem relação com o que é reprimido inconsciente, e as resistências vem do eu. O que é revivido a partir da compulsão a repetição, na maioria das vezes, causa desprazer ao eu já que rememora conteúdos reprimidos, ao mesmo tempo que traz satisfação ao outro sistema, o do inconsciente, obedecendo assim ao princípio do prazer. Porém, ele percebe também que há rememorações do passado que se dão através da compulsão a repetição que não incluem qualquer tipo de prazer ou satisfação:

Nenhuma dessas coisas pode ter produzido prazer no passado, e poder-se-ia supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos, em vez de assumirem a forma de experiências novas. Constituem, naturalmente, as atividades de instintos destinados a levar à satisfação, mas nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão. (FREUD, 1920[1996], p. 31)

Desta maneira, Freud nota que a compulsão a repetição sobrepuja o princípio do prazer, desprezando-o e que ela está relacionada com os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas, assim como com o impulso que leva as crianças a brincar e com a própria transferência. É aí inclusive que Freud vê a exceção da regra que os sonhos são realizações de desejos, já que percebe que os sonhos nas neuroses traumáticas não demonstram indícios da dominância do princípio do prazer.

A partir de então, Freud (1920) se questiona: a que função a compulsão a repetição corresponde? Sob que condições ela pode surgir? Qual sua relação com o princípio do prazer se ela opera na mente? Conclui que ela parece estar

relacionada a algo mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio o prazer.

Logo se questiona sobre como o predicado de ser pulsional se relacionaria com a compulsão a repetição e afirma a partir dela, o caráter regressivo da pulsão:

Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. (FREUD, 1920[1996], p. 46, grifo do autor)

Reconhece que conceber a pulsão como uma expressão da natureza conservadora da substância viva é algo que pode impressionar, já que é mais comum relacioná-la com a mudança e do desenvolvimento.

Esses instintos, portanto, estão fadados a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao passo que, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos. (...) Pelo contrário, ele deve ser um estado de coisas *antigo*, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz. (FREUD, 1920[1996], p.48, grifo do autor)

Conclui que, assim, “a entidade viva elementar, desde seu início, não teria desejo de mudar e que se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso de vida” (FREUD, 1920[1996],p.47).

Assim, Freud (1920), ao longo de *Além do princípio do prazer*, inverte a lógica da vida, apresentando-a como a que atrapalha o verdadeiro objetivo do ser vivo, que é a morte. Conclui que a primeira pulsão é a que deseja retornar ao estado inanimado, acrescentando que o organismo deseja morrer “apenas do seu próprio modo”.

Caminhando com sua reflexão, Freud (1920[1996], p.50) diz que as pulsões sexuais são as pulsões de vida, com todo seu caráter conservador, inclusive, a de conservar a própria vida:

São conservadores no mesmo sentido dos outros instintos porque trazem de volta estados anteriores de substância viva; contudo, são conservadores num grau mais alto, por serem peculiarmente resistentes às influências externas; e são conservadores ainda em outro sentido, por preservarem a própria vida por um longo período. São os verdadeiros instintos de vida. Operam contra o propósito dos outros instintos, que conduzem, em razão de sua função, à morte, e este fato indica que existe oposição entre eles e os outros, oposição que foi há muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses.

A libido dos instintos sexuais é relacionada com a Eros dos poetas e filósofos por Freud (1920), já que ambas mantêm unidas todas as coisas vivas. E logo, se questiona:

Será realmente o caso que, *à parte os instintos sexuais*, não existem instintos que não procurem restaurar um estado anterior de coisas? Que não haja nenhum que vise a um estado de coisas que nunca foi alcançado? (FREUD, 1920[1996], p.51, grifo do autor)

Há duas espécies de pulsões, segundo Freud (1920): aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte e as pulsões sexuais, que estariam sempre renovando a vida.

Ao refletir sobre as chamadas pulsões do eu, Freud (1920[1996], p.61) interroga que “se os instintos de autoconservação são também de natureza libidinal, talvez não existam quaisquer outros instintos, a não ser os libidinais? De qualquer modo, não existem outros visíveis”, apresentando desta maneira sua dificuldade em identificar alguma pulsão que não se relacione com a energia libidinal.

A oposição pulsão do eu x pulsão sexual logo perde sentido e se torna frágil ao observar que parte das pulsões do eu são de caráter libidinal e que as pulsões sexuais operam no eu; assim, o eu é também objeto de investimento libidinal. Além disso, a chamada pulsão de autoconservação corre o risco de ser identificada com o instinto, perdendo sua identidade de pulsão e ameaçando o dualismo pulsional que sempre foi defendido por Freud.

Neste contexto, no mesmo texto *Além do Princípio do Prazer*, a teoria das pulsões sofre uma mudança importante e radical que leva a teoria psicanalítica para uma nova direção: se introduz o conceito de pulsão de morte.

Em um acréscimo de 1921, numa nota de rodapé no fim do capítulo VI, Freud expôs as mudanças ocorridas com relação à classificação das pulsões, explicando que, primeiramente, pensava que as pulsões do ego eram todo o resto que não podia se encaixar nas pulsões sexuais. Após reconhecer que uma parte das pulsões do ego eram também de caráter libidinal (já que pode-se tomar o próprio eu como objeto de investimento), as pulsões “narcisistas e

autoconservadoras” foram incluídas na ala das pulsões sexuais, tendo a oposição entre as pulsões do eu e as pulsões do objeto dentro da categoria. Em seguida, surgiu a oposição entre as pulsões sexuais (do eu e do objeto) e das outras pulsões que se encontrariam presentes no eu, que poderiam ser observados nas pulsões destrutivas. Daí por diante, as especulações freudianas, finalmente, transformaram todas as oposições já feitas em uma: pulsão de vida e pulsão de morte. (FREUD,1920[1996])

Assim, Freud propõe o novo dualismo pulsional: *pulsões de vida* (que passam a englobar as pulsões sexuais e as de autoconservação) e *pulsão de morte*.

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’), tendência que encontra expressão no princípio do prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.” (FREUD, 1920[1996], p.64)

Uma característica universal das pulsões é restaurar um estado anterior de coisas, assim, não é surpreendente notar processos na vida mental que se realizam independente do princípio do prazer.

O princípio do prazer tem como objetivo manter a quantidade de excitação mais baixa possível, além de constante. Isto faz com que Freud se questione se este princípio não estaria servindo, na verdade, a pulsão de morte, que tem como característica a tentativa de retorno ao estado inanimado das coisas:

Outro fato notável é que os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. O princípio do prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. (FREUD, 1920[1996], p.71)

As pulsões de vida e as pulsões de morte se apresentam misturadas e nunca em seu estado puro. A pulsão de vida é numerosa e ruidosa, ao contrário da pulsão de morte, que é invisível e silenciosa.

Para Garcia-Roza (1995), Freud, ao longo de seu trabalho anterior, estava mais preocupado com as pulsões que já estavam capturadas pelo aparato psíquico do que com as pulsões em si (elas mesmas), evitando pensá-las de forma independente das representações.

A própria distinção entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, juntamente com a ideia de apoio, é ainda uma incapacidade de pensar as pulsões autonomamente. Com a introdução do conceito de pulsão de morte, tudo se modifica, e o campo psicanalítico, até então todo ocupado pela ordem, dá lugar ao caos, ao acaso, transformando por consequência a própria prática psicanalítica. (GARCIA-ROZA,1995,p.157)

Freud tentou exemplificar a pulsão de morte através do sadismo e do masoquismo (agressividade ligada à sexualidade) ou da compulsão à repetição; o primeiro exemplo é, na realidade, mais vinculado às pulsões sexuais e o segundo trata-se mais de pulsões que já foram apropriadas pelo aparato psíquico do que das pulsões elas mesmas.

A total autonomia da pulsão de morte só é afirmada por Freud em 1930, no texto *O mal-estar na civilização (1930)*, esta sendo entendida como pulsão de destruição. Essa ideia vai de encontro com o próprio conceito de pulsão, já que por se situar além do princípio do prazer, é dispersão. Por esta razão, começa-se a construir a ideia da pulsão de morte como a pulsão por excelência:

Freud afirmara que a pulsão de morte é invisível e silenciosa, poderíamos dizer invisível e indizível. Ora, o que está fora ou para além da visibilidade e da dizibilidade, está para além da representação (visível) e da palavra (dizível), portanto, o que está para além da representação-objeto e da representação-palavra, fora do aparato psíquico e de suas determinações. Em consequência, a pulsão de morte é o que está “para além do princípio do prazer”, para além do próprio aparato psíquico. (GARCIA-ROZA,1995,p.159)

Se o sexual pode ser caracterizado como o que está sob o amparo do princípio do prazer, ele se refere ao aparato psíquico e, portanto, é inerente ao espaço da representação. Assim, o “além do princípio do prazer” se refere ao que está além do sexual, o além da representação; a pulsão de morte.

2. PULSÃO EM LACAN

2.1. Montagem surrealista

Lacan, em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* de 1964, destaca o conceito de pulsão como sendo um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, junto com os conceitos de inconsciente, repetição e transferência.

Como vimos, o próprio Freud inicia seu texto *Os instintos e suas vicissitudes* afirmando que a pulsão é um *Grundbegriff*, um conceito fundamental. Lacan (1964[2008]) enuncia-a como essencial à experiência analítica, afirmando que não é por acaso que Freud fez a escolha do termo *Trieb* para tratá-la, pois teria longa história, tanto na psicologia quanto na física.

Ao refletir sobre seus “componentes”, Lacan (1964[2008]) afirma que a pulsão é uma montagem que pode ser comparada com uma colagem surrealista:

A montagem da pulsão é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça – no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista. Se aproximarmos os paradoxos que vimos de definir no nível do *Drang* ao do objeto, ao do fim da pulsão, creio que a imagem que nos vem mostraria a marcha de um dínamo acoplado na tomada de gás, de onde sai uma pena de pavão que vem fazer cócegas no ventre de uma bela mulher que lá está incluída para a beleza da coisa. (LACAN, 1964[2008], p.167)

Ao compará-la com uma colagem surrealista, Lacan quer destacar que a pulsão não tem começo nem fim, nem causas e objetivos, sendo assim indeterminada. Segundo Jaanus (1995), sua reconstrução é desarticulada e sem continuidade, de forma a misturar o natural com o que não é natural, o

mecânico com o sexual, muito mais artística, livre, inventiva que o instinto. É justamente a pulsão, com suas características, que aponta a ruptura do ser humano com a natureza:

É evidente por si mesmo que os humanos nunca estão, realmente, em estado de selvageria ou de puro instinto. Respondemos a apelos externos, ao outro e à linguagem desde o início. O programa instintual encontra de imediato a pressão de programas mais amplamente fixados de uma cultura histórica e social específica, e as exigências da linguagem, com sua trama implícita de significante a significante. Temos, pois, oportunidade de ampliar nosso prazer, conectando-o ao outro, ou ao significante. O ponto de conexão crucial e, por conseguinte, o ponto decisivo da emergência *humana* (e, em última instância, de sublimação) é a pulsão, não a necessidade, embora a filosofia e a psicologia tenham, no passado, suposto o contrário com maior frequência. A razão para isso é que a linguagem se engancha fundamentalmente na pulsão e não no instinto. (JAANUS, 1995, p.138)

Ela é uma montagem porque não se apresenta como força momentânea, não possui um objeto inato nem um alvo em seu fim, nem algo que feche ou encaixe sua existência. É por isso que a distinção, mais uma vez, entre pulsão e o instinto se faz necessária, já que este último se assimilaria a um “programa”:

O instinto, de certo modo, não é uma montagem: parece mais um programa. É um programa organizado de correspondência entre o mundo exterior e o programa internalizado. Para a pulsão, não há tal coerência entre o mundo exterior e o programa interno, por isso a montagem deve ser oposta ao programa. É uma montagem, porque une duas coisas heterogêneas: o Outro e a sexualidade, tal como definida pela necessidade de reprodução. Isso implica que a pulsão deve ser parcial, e que não deve haver pulsão genital. Isso pode ser um tanto difícil de se aceitar, mas está na obra de Freud. (BROUSSE, 1995, p.128)

Desta forma, para Lacan (1964), as quatro qualidades que especificam a pulsão apresentadas por Freud (pressão, fonte, objeto, alvo) devem ser concebidas como elementos descontínuos, disjuntos:

A pulsão não é o impulso. O *Trieb* não é o *Drang*, ainda que só pela razão seguinte. [...] *Schicksal* é aventura, vicissitude – nesse artigo então, Freud diz que é importante distinguir quatro termos na pulsão. Ponhamos o *Drang* primeiro, o impulso. A *Quelle*, a fonte. O *Objekt*, o objeto. O *Ziel*, o alvo. Certo que podemos, lendo essa enumeração, achá-la muito natural. Meu propósito é lhes provar que todo o texto é feito para nos mostrar que não é tão natural assim. (LACAN, 1964[2008], p.160)

É justamente por enxergar a pulsão como esta montagem que, para Lacan (1964), por não ser “tão natural assim”, não pode ser organizada em termos de polaridade, seja pela polaridade sexual (macho e fêmea), seja pela polaridade ativo e passivo. Como colocado anteriormente, esta impossibilidade aponta para a descontinuidade e para sua insatisfação característica, na qual não há objeto específico e seu alvo é parcialmente atingido.

É a partir desta questão que Lacan prioriza resgatar a diferença conceitual fundamental entre pulsão e instinto apresentada por Freud e tratada no capítulo anterior. Um instinto é algo momentâneo, enquanto a pulsão é constante e não permite que o consumo de um objeto consiga reduzir sua força. Assim, paradoxalmente, a satisfação da pulsão não implica em sua redução energética. Além disso, sabemos que não existe um objeto determinado que esteja ligado a pulsão, diferente do instinto, que em cada necessidade, temos um objeto que o corresponde. Desta forma, qualquer objeto pode se tornar um objeto pulsional, sendo determinado com o auxílio da demanda do Outro. (BROUSSE, 1995)

Segundo Jorge (2000), esta distinção fundamental não foi realizada pelos psicanalistas em geral nem pelos tradutores da obra de Freud até Lacan, trazendo a consequência da homogeneização dos conceitos de instinto e pulsão que dificultou – e dificulta até hoje – a compreensão da singularidade do conceito de pulsão apresentado por Freud.

Logo no início de seu texto *Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista* presente nos *Escritos*, Lacan afirma que “a pulsão freudiana nada tem a ver com o instinto - nenhuma das expressões de Freud permite essa confusão” (LACAN, 1966[1998], p.865), destacando a importância dessa diferenciação, além de notar a presença de um discurso moralizante dentro da psicanálise que tende a reduzir a pulsão ao instinto. No Seminário 11, relembra e se questiona:

Freud coloca, da maneira mais formal, que não se trata absolutamente, no *Trieb*, da pressão de uma necessidade, tal como *Hunger*, a fome, ou o *Durst*, sede. Com efeito, para examinar o que é do *Trieb*, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce no nível do organismo em sua totalidade? Em seu estado conjunto, faz o real aqui sua irrupção? É o vivo que está interessado aqui? Não. (LACAN, 1964, p.162)

Neste mesmo seminário, Lacan faz um corte e apresenta dois corpos: o corpo dos instintos e o corpo das pulsões. Para Jaanus (1995), ambos são reais por terem sua fonte no corpo e o que os distingue é que na necessidade, são envolvidos o interior do corpo e os órgãos internos, ao passo que na pulsão, as zonas de superfície e as aberturas erógenas desse corpo – que são pontos especiais, pois é onde o interno tem seu encontro com o externo – é que estão em jogo. Assim, esclarece:

O corpo dos instintos é um corpo de necessidade (*Not*), e o corpo das pulsões é um corpo de querer, de falta ou de exigência (*Bedurfnis*). *Not* nos refere à necessidade, àquilo que é indispensável para a autopreservação. Precisamos comer e respirar para sobreviver. *Bedurfnis*, por outro lado, refere-se a um querer, a uma exigência forte, até mesmo avassaladora, sentida como uma necessidade, mas que de fato não é uma questão de sobrevivência. (JAANUS, 1995, p.135)

É por este motivo que Lacan (1964/2008) sublinha como ponto essencial o que Freud já apontava como característica da pulsão: ser uma *konstante Kraft*, uma força constante, não podendo ser concebida como uma *momentane Stosskraft*. Segundo ele, a constância do impulso não pode ser assimilada a uma função biológica, já que esta tem seu próprio ritmo, ao contrário da pulsão, que “não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante” (LACAN, 1964[2008], p.163)

Assim, além da pulsão ser uma força constante e por isto, ter sido chamada por Lacan de “tensão estacionária” (1964[2008], p.177), ela também é apresentada como parcial devido à parcialidade de seu funcionamento em relação à finalidade biológica da reprodução, já que não haveria pulsão parcial que representaria a totalidade da tendência sexual na função, de forma a sempre envolver zonas erógenas que não estão ligadas a objetos:

Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito. (LACAN, 1964[2008], p.176)

Assim, vemos que a satisfação da pulsão solicita que tenha uma redução de objeto inteiro a objeto parcial. Mas o que será que Lacan quer dizer

ao afirmar que o alvo da pulsão “não é outra coisa senão esse retorno em circuito”?

Lacan (1964[2008]) logo questiona o significado de *Befriedigung*, “satisfação da pulsão”, e afirma que “[...] o uso da função da pulsão não tem para nós outro valor senão o de pôr em questão o que é da satisfação” (p.164).

Como vimos, Freud indica em *Além do Princípio do Prazer* que há algo na natureza da pulsão sexual que se apresenta como desfavorável à realização da satisfação plena e é através desta percepção que Lacan introduz a categoria do impossível:

Esta satisfação é paradoxal. Quando olhamos de perto para ela, apercebemo-nos de que entra em jogo algo de novo – a categoria do impossível. Ela é, no fundamento das concepções freudianas, absolutamente radical. O caminho do sujeito – para pronunciar aqui o termo em relação ao qual, só, pode situar-se a satisfação – o caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível. (LACAN, 1964[2008], p.164-65)

Diante da constatação do impossível, Lacan percebe que o percurso da pulsão não pode ser separado de seu caráter circular e sublinha que “o que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura.” (LACAN, 1964[2008], p.175)

É por este mesmo motivo que quando se trata da pulsão, Lacan vê o par atividade-passividade apresentado por Freud como “puramente gramatical” (LACAN, 1964[2008], p.195). Para ele, este par só se apresenta como um artifício para percebermos o movimento pulsional:

[...] O que fica claro é o caráter circular do percurso pulsional, o que Lacan destacou como o vaivém da pulsão. Esse vaivém decorre da impossibilidade da pulsão ser satisfeita, ou pelo menos da impossibilidade dela ser satisfeita de forma plena. [...] Sendo assim, o

alvo da pulsão passa a ser esse próprio *retorno em círculo* (*Verkehrung*), inseparável do fato dela ser uma *konstante Kraft*. (GARCIA-ROZA,1995,p. 124)

É daí que Lacan percebe que a pulsão se satisfaz realizando seu próprio percurso/circuito, neste “vaivém” pulsional. Ao realizar este circuito com o fim de atingir a satisfação, a pulsão contorna algo que bastante interessou Lacan:

Tudo que Freud soletra das pulsões parciais nos mostra o movimento que tracei para vocês no quadro, da última vez, esse movimento circular do impulso que sai através da borda erógena para a ela retornar como sendo seu alvo, depois de ter feito o contorno de algo que chamamos de *objeto a*. (LACAN,1964[2008],p.189)

Para Lacan, o elemento central que categoriza a pulsão é o registro do real, que traz consigo a categoria do impossível e o conceito de objeto *a*, que veremos a seguir.

2.2. Objeto *a*

O sujeito é um aparelho. Esse aparelho é algo de lacunar, e é na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto objeto perdido. É o estatuto do objeto a enquanto presente na pulsão. (LACAN, 1964[2008], p.181)

Sabemos que o objeto da pulsão é apresentado por Freud como indiferente e de natureza variável. É a partir desta ideia que Lacan introduz o conceito de objeto *a*, afirmando que esta teria sido sua única invenção teórica; objeto *a*, objeto causa do desejo, representante da falta.

Como dito anteriormente, a sexualidade humana parte da ideia de que há uma falta de objeto. O objeto *a* representa o objeto enquanto faltoso, como presença de um vazio, de um cavo, podendo assim ser representado por todo e qualquer objeto, sendo sua instância conhecida somente na forma de objeto perdido *a*.

Lacan afirma que este seria o objeto da pulsão, falta que corresponde, assim, a inscrição do objeto perdido (conceituado por Freud) na estrutura. Por um período, também chegou a nomeá-lo de “objeto negativo” antes de conceituá-lo como objeto *a*, já que se trata de um objeto que não existe em si. (JORGE, 2000)

Este é o objeto que cai do sujeito em angústia. A primeira perda que ocorre é a perda de uma parte de nosso próprio corpo e a pulsão tem relação com esses fragmentos perdidos, na medida que se torna “[...] uma busca fantasística pelo que, um dia, nós fomos, mas que agora é uma alteridade extracorpórea, alienada, que pode ‘aparecer’ quase em todo lugar, e em qualquer pessoa ou qualquer coisa.” (JAANUS, 1995, p.140-41).

Desta forma, a autora afirma que o ‘sujeito’ da pulsão é ancorado no real por suas partes perdidas. Para Lacan (1956[1998]), ela se relaciona a coisas que são psíquicas, sendo traços de uma coisa real. São os objetos *a* estes objetos psíquicos da pulsão e que por definição, como veremos adiante, são causa psíquica do desejo.

Lacan (1956[1998]) destaca o seio, as fezes, o olhar e a voz como os quatro objetos *a* primordiais, já que estes têm como traço comum o *nada* e não possuem imagem especular. Podemos notar, portanto, que há uma relação intrínseca entre o objeto *a* e os orifícios corporais; o olhar e a voz são objetos *a*

que também presentificam a perda, assim como o seio e as fezes, e representam suportes que o sujeito encontra para o desejo do Outro.

Assim, a pulsão é apresentada por Lacan (1966[1998]) como um percurso que tem como função rodear esses objetos primordiais, objeto *a*, para restaurar em si sua perda original, tendo como missão buscar algo que responde no Outro:

Se Freud nos faz esta observação de que o objeto na pulsão não tem nenhuma importância, é provavelmente porque o seio deve ser revisado por inteiro quanto à sua função de objeto. A esse seio, na sua função de objeto, de objeto *a* causa do desejo, tal como eu trago sua noção – devemos dar uma função tal que pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula nos parece ser esta – que a *pulsão o contorna*. Encontraremos sua aplicação a propósito de outros objetos. Contorna, devendo ser tomado aqui com a ambiguidade que lhe dá a língua portuguesa, ao mesmo tempo *turn*, borda em torno da qual se dá a volta, e *trick*, volta de uma escamoteação. (LACAN, 1964[2008], p.166, grifo do autor)

Como vimos anteriormente, a pulsão, ao realizar seu circuito em busca da satisfação, contorna o objeto *a*, que marca uma falta, um vazio irreduzível. Dando o exemplo da pulsão oral, Lacan explica que o objeto *a* não é introduzido no sentido de alimento primitivo, mas sim “pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante.” (1964[2008], p.177)

Segundo Jaanus (1995), o objeto *a* é separado de nós por uma espécie de automutilação antes de termos instituído a linguagem e o imaginário, não sendo reconhecido por nós como um objeto formado e especular. O objeto *a* seria pré-linguístico e pré-especular, portanto, nem simbólico nem imaginário, mas real:

Dele não temos imagens, nem palavras. Ele permanece o objeto não identificado, o objeto não-representado, o pré-objeto, ou o abjeto (*abjet*) – não-visto, não-ouvido, não-cheirado. Ele é essa parte de gozo que jamais pode ser dita. Só pode ser vivida. Tem que acontecer. Assim, a pulsão é liberdade de qualquer objeto visível, definido. É um movimento, ou simplesmente a reencenação de um movimento, guiado por algo obscuro, fragmentário e impossível. A ‘essência da pulsão’ é o ‘traçado do ato’. Sem objeto, a pulsão simplesmente retraça um ato irrecuperável. (JAANUS, 1995, p.142-43)

Miller (2005) também concebe o objeto *a* como o que aponta para uma falta que o simbólico não faz suplemento, e é justamente esta falta que constitui a estrutura do objeto *a*. Há um resto, resto real que não se deixa significantizar:

O que o Seminário *A angústia* visa é um status do objeto anterior à lei e ao desejo, anterior à elucubração da conjunção de identidade da lei e do desejo. É este status do objeto que Lacan designa como pequeno *a*. (MILLER, 2005, p.39)

Miller (2005) destaca que este objeto, objeto *a*, não é determinado pela interdição, mas sim pela separação, não sendo a mesma coisa que o objeto do desejo que se relaciona à lei. Este objeto é anterior à constituição da função paterna e à simbolização fálica.

De qualquer maneira, mesmo tendo seu estatuto essencial relacionado ao registro do real, segundo Brousse (1995), é importante lembrar que a pulsão contorna o furo que está velado pelas imagens dadas pela história do sujeito. Neste contexto, o objeto *a* é definido por uma imagem (registro do imaginário), tornando o próprio objeto *a* falta.

Portanto, na articulação dos três registros real-simbólico-imaginário, o objeto *a* possui várias aparências imaginárias que são construídas por cada sujeito com o auxílio do simbólico, que aponta significantes do Outro.

Uma das maneiras de apreender e definir o objeto *a* é via objeto causa do desejo e isto se dá pela relação direta que o desejo possui com a falta:

Vê-se que, a rigor, é preferível falar do objeto *a* como causa do desejo e não como objeto do desejo, pois o objeto *a* funciona como um verdadeiro motor da estrutura, como causa da própria estrutura do desejo. No seminário *RSI*, Lacan situou o objeto *a* precisamente na região de interseção entre real, simbólico e imaginário do nó borremeano. (JORGE, 2000, p.140)

Assim, para Jorge (2000), quando Freud fala de bissexualidade, não se trataria de uma bissexualidade constitucional orgânica; para ele, é através do conceito de objeto *a* que podemos apreender esta ideia relacionada ao ser humano, de *a*-ssexual: de que há uma falta estrutural de inscrição do objeto do desejo no inconsciente. O objeto do desejo do sujeito que fala falta por natureza.

Desta forma, podemos refletir se, ao falar sobre a relação das fantasias com a bissexualidade, Freud não estaria destacando a vestimenta imaginária que é dada ao objeto – *i(a)* – através das fantasias sexuais, que esconde e ao mesmo tempo, revela a condição de objeto faltoso *a*. Lembremos que Lacan apresenta o matema da fantasia - $\$ \diamond a$ - como sendo a relação desejante do sujeito com o objeto *a*. (JORGE, 2000)

Podemos concluir, então, que é a fantasia que sustenta o desejo, e não o objeto. Há várias possibilidades da função do objeto *a*, mas jamais o vemos em posição de visado pelo desejo. Lembremos que, para Lacan, o objeto do

desejo é “ou uma fantasia que é na realidade a *sustentação* do desejo, ou um logro.” (1964[2008], p. 182)

Lacan, no seminário *A angústia*, deixa claro ao definir o objeto *a*: “na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguida dele, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo [...] o objeto está atrás do desejo” (1962-63[2005], p.114)

Miller (2005) relembra a localização do objeto *a* como atrás do desejo e não adiante fazendo uma distinção importante entre o objeto-visado do desejo e o objeto-causa do desejo:

O objeto-visado do desejo é aquele que pode ser representado na relação amorosa, enquanto Lacan tenta demonstrar a função do objeto-causa através da angústia. [...] O objeto parcial é remetido ao lugar da causa sob as formas longamente descritas de resto e de dejetos. O desejo é concebido como um objeto caído, cortado, caduco, separado, aquele que foi largado, abandonado pelo sujeito e cujo paradigma é o objeto *a*. (MILLER, 2005, p.49)

objeto-causa	-----→	<i>d</i>	-----→	objeto-visado
angústia				amor
<i>palea</i>				<i>agalma</i>

Fonte: Miller, 2005, p.49

Desta forma, Miller (2005) aponta o rebaixamento que Lacan faz do desejo neste seminário, quando mostra que a finalidade do desejo é sempre uma falsa finalidade, um engano, sendo o próprio desejo um engano (não é disso que se trata). O próprio status do desejo é distinto daquilo que ele visa, sendo que pensamos conhecer o objeto que desejamos, mas não conhecemos o objeto que o causa.

Se o desejo humano é causado por um objeto que falta, o advento do simbólico aparece então como algo produzido por esta estrutura faltosa. O que podemos constatar é que há uma perda originária do objeto e então, o objeto de desejo só é apresentado como objeto radicalmente perdido.

Como vimos, a dimensão principal, de essência e que prevalece na estrutura do objeto *a* é a do real, que Lacan mostrou ter sido apontado por Freud em sua obra através do conceito de “*das Ding*”, a Coisa. Trataremos a seguir sobre o *das Ding* de Freud, que traz então a representificação do real sem nome originário e sem imagem. (JORGE, 2000)

2.3. Das Ding

Em seu seminário *A ética da psicanálise* (1959-60), Lacan trata do *das Ding* de Freud destacando a oposição sutil em alemão dos termos *das Ding* e *Die Sache*. Ambos dizem “a coisa”, porém, segundo Lacan, nos textos freudianos, *Sachvorstellung* (representação-coisa) e *Wortvorstellung* (representação-palavra) sempre foram apresentadas como estreitamente ligadas, formando um par - *Sache* e *Wort* (coisa e palavra).

Assim, *Sache* é apresentada por Freud como “justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem” (LACAN, 1959-60[2008], p.60), enquanto que *das Ding* se situaria em outro lugar, que sabemos apontar para o real:

Esse *das Ding* não está na relação [...] que faz o homem colocar em questão suas palavras como referindo-se às coisas que, no entanto, elas criaram. Há outra coisa em *das Ding*. O que há em *das Ding* é o verdadeiro segredo. (LACAN, 1959-60[2008], p.60)

“Verdadeiro segredo”... Há um destaque para este objeto, *das Ding*, que ocupa para o sujeito o lugar do primeiro exterior que nada pode corresponder e que também orienta o desejo. Ele está fundamentalmente – por natureza - perdido, jamais podendo ser re-encontrado.

É importante sublinhar que, para Freud, o encontro com o objeto é sempre da ordem de um reencontro, já que é este objeto perdido que o sujeito busca reencontrar:

Das Ding é, para Freud, o objeto perdido, embora nunca o tenhamos tido, e que deve ser reencontrado. Tal como na coisa heideggeriana, ele é um vazio – um vazio de determinações – e, tal como na coisa kantiana, ele é o que se encontra para além da representação, podendo apenas ser pensado. No entanto, Freud supõe um momento mítico, no começo de tudo, quando teríamos a posse da Coisa. Daí por diante, seríamos lançados numa busca infundável dessa coisa perdida, embora nunca a tenhamos tido verdadeiramente. (GARCIA-ROZA, 1995, p.152)

Lacan (1959-60) afirma que este objeto não foi realmente perdido pelo sujeito e que a mãe é o objeto que vem ocupar de maneira privilegiada o lugar do objeto faltoso – mesmo que o objeto não seja ela. De qualquer forma, o objeto surge como algo que foi perdido para o sujeito e ao mesmo tempo, traz o aspecto da Coisa com seu caráter real e faltoso a cada vez que o sujeito reencontra o objeto.

Segundo Jorge (2000), é a partir dessa falta originária de objeto que o núcleo do inconsciente é constituído e é em torno desse furo que o inconsciente se estrutura enquanto linguagem. Desta maneira, se apresentam

dois aspectos do inconsciente que estão articulados de forma íntima: um que é real, o furo, e outro que é simbólico, relacionado à linguagem.

Uma distinção importante introduzida por Lacan neste tema é entre o objeto perdido da espécie humana e o objeto perdido da história de cada sujeito. O último é relacionado ao objeto *a*, que pode ser re-encontrado em “objetos substitutos” através dos deslocamentos simbólicos e investimentos imaginários da libido, e que se tornam os objetos privilegiados do desejo. Ao se encontrar com estes objetos, simultaneamente, o sujeito se depara com a Coisa perdida da espécie humana, que promove o encontro faltoso com o real. (JORGE, 2000) É disso que Lacan trata ao distinguir a repetição real e simbólica, tique e autômaton, que falaremos em um dos tópicos deste capítulo.

É por isso que, como comentado anteriormente, Lacan, em *A ética da psicanálise*, faz uma crítica ao grande erro que alguns psicanalistas cometem de confundir *das Ding* (objeto radicalmente perdido e origem da falta estrutural) e a mãe, que seria este objeto que o sujeito deve renunciar em sua história edípica. Para Jorge (2000), confundir estes dois âmbitos é comparado a tratar como equivalente o impossível e o proibido.

Este âmbito do impossível logo nos remete de volta ao nosso tema, a pulsão. É importante ressaltar que Freud conceitua a pulsão tendo como referência o impossível e não o proibido, já que logo a percebe como fadada à insatisfação (satisfação como impossível). É por isto que, mesmo que a satisfação seja permitida, sempre será parcial e não-toda, já que nenhum objeto é capaz de satisfazer a pulsão completamente. O que se evidencia na busca do objeto perdido, portanto, é esse impossível da satisfação e sua dimensão real.

Relacionando *das Ding* e objeto *a*, sabemos que um não pode ser confundido com o outro. Para Garcia-Roza (1995), o objeto *a* é a testemunha de *das Ding* como objeto perdido, sendo um furo, um vazio que não pode ser preenchido por objeto algum. O objeto *a*, como vimos, é apresentado como objeto causa do desejo, produtor da falta, sendo o objeto do desejo, o objeto da fantasia. Assim, como vimos anteriormente, o autor explica a relação que o objeto *a* estabelece com a pulsão, de ser contornado por ela:

Se *das Ding* é o centro em torno do qual gravitam as *Sachevorstellungen*, sem que no entanto esse centro seja jamais atingido, isto se dá porque enquanto centro visado ele é sempre contornado. Aquilo que aponta para *das Ding*, mas que ao mesmo tempo a contorna, é a pulsão. No nível de *das Ding*, temos as pulsões, e estas, nos diz Freud, são desde o início inibidas quanto ao seu alvo. (GARCIA-ROZA, 1995, p.154)

Este nível do impossível se define pela concepção do real em Lacan, que é aquilo que não cessa de não se inscrever. O real é o que define a estrutura do desejo, lembrando que o objeto do desejo não existe.

Segundo Jorge (2000), o objeto enquanto simbólico é o que cessa de não se inscrever e passa a existir, alcançando a categoria de contingencial. O objeto estando no campo do simbólico permite um mínimo de estabilidade do sujeito com o objeto, mas não é suficiente para “parar” o deslocamento metonímico do objeto de desejo.

É neste momento que o imaginário entra, como aquele que tem o objetivo de estabilizar de maneira definitiva a escolha objetual, que antes aparecia como impossível (real) ou incerta (simbólico) e que agora, apresenta o

objeto imaginário como aquele que não cessa de se escrever e que acaba por alcançar o campo do necessário.

O gozo absoluto está fora da estrutura psíquica, ou seja, ele não consegue se inscrever. No lugar do gozo absoluto, o que se inscreve é a angústia que o sujeito sente ao se aproximar de *das Ding*. Assim, o sujeito vivencia o registro do real ao sentir angústia. É por este motivo que Lacan apresenta a angústia como sendo o afeto por excelência e que seu melhor remédio é o desejo, já que é por meio deste que a falta originária e estrutural é reintroduzida para o sujeito.

Assim, o desejo, que está articulado diretamente ao registro do simbólico e suas cadeias significantes, aponta, como vimos, ao nível contingencial do objeto:

O objeto, aqui, passou do nível anterior do impossível ao nível do contingencial, isto é, ao nível de algum possível de se escrever, mas não se constitui como um objeto exclusivo, muitos outros podem ocupar junto ao sujeito um lugar semelhante. Assim, as garantias de homeostase trazidas por esse nível simbólico são mínimas e o sujeito precisará transformar aquilo que foi mero encontro contingencial com um parceiro no encontro com o parceiro que visa preencher a falta inerente ao desejo. (JORGE,2000,p.148)

Sabemos que a fantasia se torna suporte do desejo, e se define pela articulação do sujeito com o objeto a causa do desejo. (VALAS,1998). É neste ponto que iremos seguir no próximo tópico, relacionando pulsão, linguagem e desejo.

2.4. Linguagem

O corpo dos instintos é um corpo dessexualizado. O instinto é real, mas é somente real. O real é o dessexualizado. [...] Existe um real e nossos corpos provêm dele, mas enquanto o instinto é dessexualizado, a pulsão é erótica. Assim, comer porque se tem fome é uma coisa, mas comer num sonho requer a pulsão com seu erotismo alucinado. Para uma satisfação maior, há que haver erotização. (JAANUS, 1995, p.136)

Em seu texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, encontrado nos *Escritos* (1966[1998]), Lacan define a pulsão como um “tesouro de significantes”, destacando o fato de haver uma ação do significante no organismo biológico.

As diferentes etapas da evolução da libido foram compreendidas por ele (1964[2008]) como marcadas pela ação do Outro (da linguagem) sobre o sujeito quando este ainda está em formação, não considerando este processo como um simples evento natural vinculado a uma maturação do organismo biológico.

Desta forma, a passagem da pulsão oral para a pulsão anal, por exemplo, não aconteceria devido ao processo de maturidade, mas sim pela intervenção de algo que está fora do campo da pulsão: a demanda do Outro.

Segundo Brousse (1995), podemos situar a necessidade e o ser vivo do lado esquerdo e o sujeito e a pulsão do lado direito, tamanha a diferença entre a pulsão e a necessidade. Para o autor, a pulsão se define em termos de significante(s) e suas combinatórias, não se conectando com a diferença sexual biológica.

Assim, a pulsão surgiria da operação que o significante realiza ao barrar a necessidade, produzindo um resto:

O que ele propõe, penso, é que no começo tem-se a necessidade e nada mais. O significante barra a necessidade e produz a pulsão. A pulsão é o resultado da operação do significante sobre a necessidade, o que produz um resto. Algo escapa, que é o desejo. A pulsão é definida por Lacan como o resultado do funcionamento do significante, isto é, da demanda: a demanda do Outro. (BROUSSE, 1995, p.123)

É por este motivo que a pulsão é apresentada como consequência da articulação na linguagem da demanda do Outro. Não existe pulsão sem a demanda do Outro, e ao introduzi-la, o Outro se apresenta como combinatória de significantes. A demanda do Outro não corresponde de forma absoluta à necessidade, pois para Brousse (1995), algo importante para a compreensão da pulsão escapa na correlação entre necessidade e demanda; este algo é o desejo, que é o ponto primordial pelo qual a pulsação inconsciente está ligada a realidade sexual. O desejo tem origem daquilo que falta, não do que se tem, e é por isto que a pulsão é sempre pulsão parcial.

Lacan (1964[2008]) apresenta como fórmula da pulsão e de sua atividade o verbo “se faire”, que é explicado por Brousse:

Este *se faire* indica que algo nos é feito por outrem. *Bouffer* significa comer, e a expressão *se faire bouffer* implica que alguém vai realizar algo para nós, já que não somos capazes de fazê-lo. Precisamos de um outro, precisamos da demanda do Outro. (BROUSSE, 1995, p.131)

Segundo a autora, o *se faire* é a maneira que Lacan tentou superar a oposição apresentada por Freud ativo-passivo e que implica a demanda do Outro assim como o uso desta demanda para conseguir satisfação. De qualquer forma, a divisão subjetiva que se apresenta nas polaridades ativo-

passivo é mantida em cada fantasia através da oposição entre o ser como objeto e o ser como sujeito. O importante, como vimos, é que para nos satisfazermos, precisamos da construção da demanda do Outro e se fazer-ser a partir dela.

Desta forma, Lacan transforma a gramática *werden* (tornar-se) para a fórmula *machen* (fazer, *faire*) com o objetivo de mostrar a atividade da pulsão que está para além da polaridade ativo-passivo apresentada por Freud. Se *faire* é a forma como o sujeito se faz existir:

Ainda assim, este *se faire*, essa maneira mínima de se fazer existir, é uma questão de perpetuar o nosso ser, mesmo que somente como objeto parcial, contra aquilo que nos conduz em direção ao não-ser. Porque esse jogo de ser e não-ser continua sem a linguagem, e para além dela (com o eu e o outro colocados como objetos parciais), não há, para Lacan, sujeito na pulsão. A pulsão é 'uma estrutura radical – em que o sujeito ainda não está de modo algum colocado'. (JAANUS,1995,p.143)

Para Jaanus (1995), a pulsão imita o ato instintivo sem ser satisfeita neste ato, já que para a pulsão, a finalidade não seria o ato, mas algo além, que oferece um prazer mais intenso.

O autor dá o exemplo de urinar, que ao se passar da necessidade para a pulsão, se torna um ato erótico. No instinto, não se urina para alguém; o ato não pode ser transferido (outra pessoa não pode urinar por nós) e isto é feito de forma autônoma. Já na pulsão, há a tentativa de transferir, de fazê-la circular para o outro.

Freud (1915[1996]) apresenta os três tempos pulsionais: qualifica o primeiro como sendo ativo, que se direciona a um objeto externo; o segundo

seria o reflexivo, que se toma uma parte do próprio corpo como objeto; e o terceiro, último, é qualificado como passivo, no qual a própria pessoa se faz ela mesma de objeto de um outro.

É somente neste terceiro tempo que Lacan localiza *se faire* e um sujeito da pulsão, conseguindo, assim, realizar o que é próprio dela – seu circuito:

Quando ele falar dessas duas pulsões, e mais especificamente do masoquismo, ele [Freud] se aterá a bem marcar que não há dois termos nessas pulsões, mas três. É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece – mas também *por não aparecer*, - num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão. (LACAN, 1964[2008])

Podemos afirmar então que, no campo das pulsões, não há reciprocidade e o *se faire* é o seu verbo, lembrando que “a passividade da pulsão é fundamentalmente ativa, já que a pulsão se volta, não permanecendo nem no movimento do ‘urinar’, nem no passivo ‘urinado’, mas somente no ato pulsional completo de ‘se fazer ser urinado’.” (JAANUS, 1995, p. 144)

Como vimos, o núcleo psíquico do ser humano é a pulsão, e como humanos, começamos e estamos na pulsão e não no instinto. Na realização do instinto, o prazer é instantâneo, já que a pressão é aliviada ou eliminada. Sabemos que a pulsão não é *Drang*, impulso; ela não é regulada e não tem a ver com a descarga real de substâncias. Não passamos nossas vidas em uma homeostase instintual, mas sim buscando sempre mais prazer, visando sua prolongação.

O conceito apresentado por Freud sobre o princípio do prazer é manter o estímulo em um ponto determinado onde haja uma moderação (nem muito, nem pouco), porém, o que vemos é a pulsão, que está sempre forçando a obtenção de prazer. Assim, o instinto sossega, sendo a pulsão o desassossego:

A pulsão segue a 'lei do prazer', mas a transgride, ou 'força o prazer'. Forçamos o prazer *constantemente*, porque o impulso da pulsão é '*eine konstante Kraft*', uma força constante, persistente e contínua, mais que instantânea, como o ímpeto do instinto pode ser. [...] O que conhecemos fisicamente da pulsão é o prazer e nossa constante necessidade dele. [...] A pulsão é o próprio desassossego. (JAANUS,1995,p.136-37)

Em busca dessa prolongação é que pode ocorrer a transgressão da pulsão, que acontece sem moderação e leva em direção ao gozo, a uma área dessexualizada que é relacionada com o real:

Dentro dessa zona de queda da sexualização, que está do lado do real, o objeto sexualizado pode novamente se tornar puro pedaço de carne, que está ali para ser consumido. [...] Sempre que se volta para o interior do organismo, obtêm-se as reações *reais* e a força instantânea, não as reações eróticas. Pelos mesmos motivos, quando um objeto da pulsão é abordado de maneira instintual, como na anorexia, algo de meramente psíquico e ausente é 'comido', como se estivesse presente e fosse nutritivo. Na perversão, ao contrário, um objeto instintual não-comestível pode ser literalmente consumido, com prazer erótico, como se fosse o objeto a da pulsão. (JAANUS,1995,p.139)

Assim, como vimos anteriormente, a grande diferença é que o instinto não é influenciado pela linguagem e desta maneira, não produz alteridade e relação, já que nada resta nesta operação.

A demanda do Outro fala e falar é demandar. Retomando, é quando a demanda do Outro barra a necessidade que a pulsão é então produzida:

A necessidade é barrada aqui, e a pulsão é um resultado desse processo: a necessidade é barrada pela demanda do Outro. A conjunção entre a demanda do Outro na fala e a necessidade produz a pulsão, mais um remanescente que fica implícito, isto é, o desejo. Pode-se escrever isso como o sujeito, porque a pulsão se relaciona com o sujeito barrado: o bebê tomado no campo da linguagem é barrado, marcado pelo significante. (BROUSSE, 1995, p.125)

A pulsão define o objeto através da demanda do Outro e por isso que, nos itens anteriores deste capítulo, esclarecemos a diferença entre objeto-visado e objeto-causa do desejo. Na neurose, é comum justamente haver uma fusão entre o objeto do desejo, o objeto causa de desejo e o objeto que o sujeito imagina que o Outro demanda.

Segundo Valas (1998), é comum que, na fantasia, o objeto do desejo se confunda com a demanda do Outro, propondo quase uma equivalência entre a e demanda. Nestes casos, o autor coloca que a demanda do Outro se torna objeto da fantasia, fazendo com que a fantasia funcione como a pulsão:

Opera-se aqui uma articulação entre pulsão e fantasia. O neurótico tem horror da demanda, mas ao mesmo tempo prefere que lhe demandem; ele demanda até a permissão de desejar, porque a demanda cobre sua angústia diante do desejo do Outro. Com efeito, quando o Outro lhe demanda comer, cagar, falar ou ver, ao menos ele sabe o que o Outro quer. (VALAS, 1998, p.68)

Articulando a escrita de Lacan da pulsão $\$ \diamond D$, o autor ressalta que não é colocado neste matema o objeto da pulsão e assim, a pulsão aí fica totalmente colocada em termos de significante. É através da relação de corte entre o real e o significante que a pulsão é marcada como sendo a-sexual.

Valas (1998) aponta que este corte é a essência da cadeia significante e a pulsão, então, seria a redução da demanda ao corte; a pulsão é uma demanda silenciosa, é um eco no corpo de que há significante. Porém, sabemos que há gozo, e que nem tudo na pulsão é significante:

Para resolver esta dificuldade, Lacan procede a uma reformulação da teoria das pulsões, distinta da de Freud, para quem a pulsão é, por definição, sexual. Lacan define a pulsão como a-sexual, na medida em que nela não há a menor relação entre o real e o significante, salvo uma relação de corte, de lacuna, que Lacan traduz pelo aforismo *não existe relação sexual*. (VALAS, 1998, p.67, grifo do autor)

Nem tudo é significante, nem tudo o significante dá conta; nem tudo é significante na pulsão. Há um resto, resto não simbolizado. Já ouvimos falar disso...

É interessante a ideia da demanda ser falante, enquanto que a pulsão é silenciosa. Logo nos remete à pulsão de morte, que também foi apresentada por Freud com esta qualidade da pulsão, de ser silenciosa. Abordaremos a pulsão de morte no último item deste capítulo.

Retomando, sabemos que a sexualidade não pode ser determinada pela reprodução, mas não podemos abstrair que se trata de um organismo vivo. Estando no campo da linguagem, uma parte nossa, que escapa deste campo, permanece no campo da biologia.

Assim, a pulsão é como uma ferramenta que traz a sexualidade como real para os campos do imaginário e do simbólico.

Tendo em vista a questão do corpo, Lacan (1966) apresenta-o como radicalmente Outro, ou seja, que o real do corpo não é familiar com o registro

simbólico, do significante. Logo, antes do significante, não podemos atribuir um corpo a um sujeito. Valas comenta sobre:

O corpo próprio, com sua pulsação de gozo, expressão da vida, é esse corpo real e vivo, cuja consistência e forma está no imaginário, pois com a morte esse corpo visível se dissolve em uma massa inominável. O corpo real, na sua presença animal, se distingue pois do corpo simbólico. Efetivamente, para a psicanálise, a tomada do corpo pela linguagem não significa que o verbo se faz carne, mas, ao contrário, que a carne se torna corpo. (VALAS,1998,p.44)

Jorge (2000) afirma que Lacan apresenta as pulsões como constituintes de um eco no corpo pelo fato de existir um dizer, explicitando a relação entre linguagem e sexo e relaciona esta ação da linguagem que ocorre em determinadas regiões privilegiadas do corpo (as bordas com orifícios que tem função de troca com o Outro) com a estrutura de furo compatível com a própria estrutura do inconsciente:

Tal ação da linguagem, do Outro, sobre essas estruturas de borda é o que constitui aquilo que Freud denominou de zonas erógenas, devendo-se precisar, entretanto, que tal processo de erogeneização, longe de se restringir a determinadas regiões corporais específicas, espraia-se por todo o corpo do sujeito, transformando-o, assim, num corpo erógeno, ou, vale dizer, num corpo pulsional. (JORGE, 2000, p.50-51)

Para Jaanus (1995), os prazeres do instinto trazem certo peso físico do real, porém o inconsciente como instinto se distinguiria totalmente do inconsciente apresentado e tratado por Freud. Lembremos que Lacan apresenta este último inconsciente como sendo estruturado como linguagem, se enganchando no corpo no ponto da pulsação.

Podemos notar, assim, que, assim como na pulsão, o próprio inconsciente apresenta um núcleo real, de falta, que auxilia na estruturação do nível simbólico. Eles são topologicamente do mesmo nível, sendo a falta que constitui o objeto da pulsão a mesma que constitui o núcleo real do inconsciente, e é justamente em torno desse núcleo de falta que o inconsciente se estrutura como linguagem, simbolicamente. (JORGE, 2000)

Este paralelo entre pulsão e inconsciente realizado acima logo nos remete ao tema da repetição e seus aspectos real e simbólico apresentado no *Seminário XI* por Lacan e que será tratado no tópico a seguir.

2.5.Repetição: Tiquê e Autômaton

Em seus primeiros seminários, Lacan associou o tema da repetição unicamente ao registro do simbólico e foi a partir do seu seminário XI *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964, que passou a destacar dois aspectos distintos da repetição, o autômaton e a tiquê, considerando, então, também o registro do real.

Ele inicia o tema afirmando que a repetição posta por Freud só pode ser definida quando se relaciona o pensamento com o real e que a repetição não é sinônimo de reprodução: “Jamais qualquer oscilação sobre este ponto – *Wiederholen* não é *Reproduzieren*.” (LACAN, 1964[2008], p.55). Para ele, reproduzir está relacionado aos tempos de catarse:

Reproduzir é o que se acreditava poder fazer no tempo das grandes esperanças de catarse. [...] Só que, o que Freud nos indica quando dá os passos seguintes, e ele não demora muito para dá-los, é que nada pode ser pego, nem destruído, nem queimado, senão de maneira, como se diz, simbólica, *in effigie*, *in absentia*. (LACAN, 1964[2008], p.55)

Lacan (1964[2008]) afirma que a repetição aparece primeiramente de forma obscura e não espontânea, como uma reprodução ou presentificação em ato. Logo, esclarece que um verdadeiro ato possui sempre uma parte de estrutura por apontar para um real que não é evidente.

A partir de Freud, ele também se questiona a respeito da repetição que ocorre nos quadros das neuroses traumáticas:

Qual é então a função da repetição traumática, se nada, muito pelo contrário, pode parecer justificá-la do ponto de vista do princípio do prazer? Dominar o acontecimento doloroso, lhes dirão – mas quem domina, onde está aqui o senhor, para dominar? (LACAN, 1964[2008], p.56)

É a partir do livro *O Banquete*, de Platão, que Lacan (1964[2008]) relaciona o tema da repetição com os conceitos aristotélicos de *autômaton* e *tique*, tendo o primeiro a ver com a rede de significantes e o segundo com o encontro do real.

Como vimos, Lacan (1964[2008]) deixa claro que não se deve confundir a repetição com a reprodução nem com o retorno dos signos.

Na sua retomada do conceito de repetição em Freud, Lacan fala sobre a insistência do trauma, que reaparece para o sujeito até mesmo que com a mesma face nos sonhos, como nos sonhos que se seguem nas neuroses traumáticas: “como pode o sonho, portador do desejo do sujeito, produzir o que faz ressurgir em repetição o trauma – senão seu rosto mesmo, pelo menos a tela que o indique ainda por trás?” (LACAN, 1964[2008], p.60)

Lacan associa o trauma com o real, na medida em que o real se apresenta como algo inassimilável e impossível de simbolizar. E desenvolve que a compulsão à repetição estaria ligada aos efeitos desse encontro com o real que ex-siste e não cessa de não se inscrever.

A esta exigência respondem esses pontos radicais no real que chamamos de encontros, e que nos fazem conceber a realidade como *unterlekt*, *untertragung*, o que em francês se traduziria pelo termo mesmo, em sua soberba ambiguidade na língua francesa, de *souffrance*. A realidade está lá em *souffrance*, lá esperando. E o *Zwang*, o constrangimento, que Freud define pelo *Wiederholung*, comanda as voltas mesmas do processo primário. (LACAN, v1964[2008], vp.60)

Diante disso, podemos perceber o autômaton como a tentativa de trazer para o campo do simbólico e do significante, o real, para assim assimilá-lo de alguma forma.

Segundo Fink (1995), o autômaton é definido como se referindo à seriação automática, que está sujeita à lei regular dos significantes do sujeito no inconsciente. Por esta via, para o autor, o autômaton introduz a cena traumática de forma velada, disfarçada.

Por sua vez, a *tique*, segundo Lacan (1964), surge a partir da noção de trauma e é traduzida como o encontro com o real, que estaria por trás do *autômaton*:

O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida. (LACAN, 1964[2008], p.59)

Portanto, a tiquê se relaciona com algo para além do automatismo, sendo inclusive seu ponto terminal e inicial, já que tem a ver com o encontro com o real (que é sempre faltoso) que domina por trás do funcionamento automático do significante.

É a partir destas conceituações que Lacan percebe a tique e autômaton, real e simbólico e pulsão e inconsciente como vertentes muito bem articuladas, em que a parte do simbólico comparece a partir do núcleo real:

Assim, a repetição, tematizada por Lacan em suas duas vertentes de autômaton e de tique, é a manifestação da articulação interna e indissociável, para o sujeito falante, entre o simbólico e o real, entre o inconsciente e a pulsão. Ela revela o comparecimento no simbólico, na linguagem – isto é, no inconsciente estruturado – daquilo que constitui o núcleo do inconsciente, o real. (JORGE,2000,p.64)

Além disso, Lacan (1964[2008]) marca o lugar do real, que vai do trauma à fantasia, esta última sendo apresentada como uma tela que dissimula algo de determinante na função da repetição.

Ele sublinha também que a repetição demanda o novo, a novidade. É através da ideia da repetição como demandante desse novo que entraremos a seguir no tema da pulsão de morte para a teoria lacaniana.

2.6. Toda pulsão é de morte

[...] O real é o choque, é o fato de que isso não se arranja imediatamente, como quer a mão que se estende para os objetos exteriores. [...] O real se distingue [...] por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível. (LACAN,1964[2008],p.165)

Diante do primeiro dualismo pulsional apresentado por Freud (pulsões de autoconservação x pulsões sexuais), Lacan (1964[2008]) coloca como impossível apresentar as chamadas “pulsões de autoconservação” como pertencendo ao campo da pulsão, já que estas estariam referenciadas mais ao nível da necessidade do organismo biológico (fome, sede), com seus objetos de satisfação pré-determinados. É por este caminho que vimos no capítulo anterior que o destaque dado por alguns psicanalistas à ideia de “apoio” das pulsões sexuais nas de autoconservação é equivocado, já que é justamente ao contrário.

O conceito de pulsão só foi realmente sublinhado em seu caráter mais específico com a introdução do conceito de pulsão de morte por Freud, que lançou luz ao caráter radical e essencial da pulsão relacionado à sexualidade humana: a falta de objeto.

É também através do conceito de pulsão de morte que Freud constata as duas características primordiais de toda pulsão: seu caráter conservador/restitutivo e seu aspecto repetitivo. Estas duas características estão intimamente relacionadas, já que é do caráter conservador da pulsão que tende ao retorno para o estado inorgânico que se emana a tendência da compulsão à repetição.

Segundo Jorge (2000), Lacan interpreta a vasta referência à biologia que Freud faz em seu texto *Além do Princípio do Prazer* como uma metáfora teórica, afirmando que a tendência da pulsão de morte de levar o animado de volta ao inanimado não tem a ver com a morte dos seres vivos propriamente dita (aspecto biológico), mas sim que há algo que se observa no homem que o

leva a sair dos limites da vida, de sua vivência e intercâmbio humano. Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, Lacan insiste:

[...] reconheçam na metáfora do retorno ao inanimado, do qual Freud reveste todo corpo vivo, a margem para-além da vida que a linguagem assegura ao ser pelo fato de ele falar, o que é justamente aquela em que esse ser investe na posição de significante. (LACAN, 1966[1998], p.817)

Portanto, constatamos a autonomia do simbólico e a dimensão da linguagem no homem, que introduz no ser humano o registro que estaria mais-além da vida, mais-além de sua condição de ser vivo e que se relaciona com a pulsão de morte.

Percebe-se, assim, uma necessidade de transgredir para que haja acesso ao gozo. Porém, o gozo aparece no campo da Coisa, tendo então acesso impossível. Logo, para o sujeito, a transgressão da lei, do campo do Outro, mesmo que necessária para chegar até o gozo, é impossível.

Segundo Valas (1998), para Lacan, o gozo é impossível e inter-dito, legível entre as linhas, e o princípio do prazer faz seu papel em transportar o sujeito de significante a significante com o objetivo de tamponar o excesso de gozo, nocivo. O significante detém o gozo.

O autor lembra que podemos falar de sujeito do desejo, porém, não podemos falar que existe sujeito do gozo, pois este só pode ser sentido pelo corpo, de forma a abolir o sujeito. Só o corpo pode gozar, e inclusive, ele é feito para isso.

De qualquer maneira, é importante ressaltar que somente a pulsão dá possibilidades do sujeito chegar à satisfação sem atrapalhar o aparelho

psíquico, conseguindo chegar a um gozo satisfatório e sem ser nocivo, via caminhos que a Lei oferece, longe da transgressão. (VALAS, 1998)

Tendo como base a teoria das pulsões apresentada por Freud, poderíamos pensar que as pulsões sexuais (de vida) visariam o objeto *a* com suas roupagens imaginárias (*i(a)*), enquanto que a pulsão de morte visaria *das Ding*. Porém, como vimos anteriormente, por trás de todo objeto que a pulsão sexual se direciona, o que é visado é também *das Ding*.

Sabemos que Freud (1920) afirma que a pulsão de morte opera em silêncio, ao contrário das pulsões sexuais. Será isso que Freud estava constatando? Que, por trás das pulsões sexuais, silenciosamente, está a pulsão de morte se movimentando para atingir *das Ding*?

É neste ponto que Lacan formula sua teoria monista da pulsão, afirmando que, na verdade, todas as chamadas pulsões de vida teriam, por trás e “por essência”, como raiz de seu movimento, a pulsão de morte.

Assim, para Lacan (1966[1998]), toda pulsão é, virtualmente, pulsão de morte. Este pensamento distingue totalmente da visão do dualismo pulsional e da oposição entre as pulsões de vida e a pulsão de morte apresentado por Freud. Reforçando, para ele, não há outra pulsão além da pulsão de morte, enquanto força que pulsa num circuito incessante de busca da satisfação.

Em *Posição do Inconsciente* [1960/1998], Lacan explicita esta ideia de que a libido também está ligada à morte, sendo um aspecto da pulsão de morte, ao sublinhar que a ordem simbólica que se aplica aos seres vivos é organizada pela representação e que a representação implica necessariamente a morte da coisa. Portanto, a morte é a base:

A vida biológica é limitada: começa e termina. A libido, por outro lado, é a representação da vida como indestrutível. O fato de a vida ser

representada como indestrutível é relacionado por Lacan ao fato de que ela foi libertada do ciclo de reprodução sexual. Enquanto definirmos as pulsões de vida em termos de reprodução, não podemos nos referir à libido. A libido resulta na reparação entre a sexualidade biológica e a sexualidade humana, tal como organizada pelo processo significante. Obtido este tipo de construção, pode-se ligá-lo à ordem simbólica, porque é somente aplicando a ordem simbólica aos seres vivos que se pode produzir essa abstração: 'libido'. (BROUSSE, 1995, p.130)

Freud logo percebeu que a compulsão à repetição estava relacionada à pulsão de morte. Valas (1998) afirma que Lacan logo faz uma redefinição da pulsão de morte em termos de pulsação de gozo que causaria a repetição da cadeia significante recalcada.

Para o autor, se a pulsão é, para Lacan, o eco do corpo da presença do significante, toda pulsão é de morte na medida em que o significante faz uma mortificação do gozo, modificando-o. Assim, a linguagem transforma os gozos, que estão ligados aos efeitos produzidos pelo significante, e só adquirem sentido após a incidência dele.

Segundo Brousse (1995), a morte está sempre ligada a ordem simbólica e é por isso que a pulsão estando nessa ordem só pode ser pulsão de morte. Perceber a libido como uma representação de vida indestrutível e ao mesmo tempo, para Lacan, como sendo um nome para a pulsão de morte, é um paradoxo; paradoxo porque pela libido ser uma representação, ela já se encontra correlacionada a morte:

Explico assim a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão – que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte. (LACAN, 1964[2008], p.194)

Lacan (1964) inventa o mito da lâmina (ou lamela), apresentando a lâmina como parte de si mesmo que o sujeito abandona para ingressar na linguagem, que o torna ser desejante e ao mesmo tempo, mortal, relacionado à libido e a morte:

A lâmina é algo de extrachato que se desloca como a ameba. [...] E como é algo – já lhes direi porque – que tem relação com o que o ser sexuado perde na sexualidade, é, como o é a ameba em relação aos seres sexuais, imortal. Porque sobrevive a qualquer divisão, porque sobrevive a qualquer intervenção cissipara. E corre. (LACAN, 1964[2008], p.193)

Este mito é apresentado por Lacan como sendo da vida imortal, do falso instrumento ou órgão que está no centro do campo das pulsões e que conecta com a atração e o prazer da morte, com o real da pulsão de morte.

Jaanus (1995) explica que a pulsão é um movimento do psíquico que ocorre em volta de um objeto que um dia, teria envolvido nosso corpo e tampado nossos orifícios erógenos e que agora, estão abertos e vazios. Esses objetos que caíram e que são parciais, teriam feito parte da totalidade que Lacan chamou de lâmina. Ela seria a vida imortal, a libido que persiste sem a sexualidade.

Lacan então inverte as ideias comuns sobre vida e morte e aponta a vida sexualizada como uma perda da vida imortal e apresenta o sexo como a morte da imortalidade. Assim, com o sexo, temos nossa imortalidade real perdida e é aí que os objetos a (não) entram:

Todas as formas do objeto a são basicamente representantes, figurações dessa libido perdida, que está para além da vida biológica. Os objetos a são 'os resíduos das formas arcaicas da libido'. Assim, a perda dos vários objetos a particulares [...] é uma repetição de nossa

queda original da imortalidade para a mortalidade. Cada objeto *a* é um lembrete, ou uma reminiscência da totalidade maior de que outrora fizemos parte. Os objetos *a* se ligam fundamentalmente ao Outro e estão centrados nele, neste Outro superior que se opõe ao Outro maiúsculo radical, da linguagem. Este é um centramento na vida como tal que, sem linguagem, significa morte. (JAANUS, 1995, p.148)

Segundo Valas (1998), no lugar da própria perda do gozo que o significante proíbe ao sujeito é que se é produzido um resto, objeto *a*, na sua dimensão de mais-gozar. Essa dimensão de mais-gozar é o que não podemos significar, o que não podemos esgotar via significante.

A lâmina também é apresentada como “órgão” da libido que liga o inconsciente à pulsão (oral, anal, escópica e invocante). As zonas erógenas estão ligadas ao inconsciente e é lá que se amarra a presença do vivo.

Assim, paradoxalmente, a libido é instinto de vida, de vida imortal. Segundo Lacan (1964[2008]), a relação com o Outro faz surgir o que representaria a lâmina, ou seja, surge a relação do sujeito vivo com aquilo que ele perde por passar pelo ciclo de reprodução sexual:

E é disso aí que são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto *a*. Os objetos *a* são apenas seus representantes, suas figurações. O seio – como equívoco, como elemento característico da organização mamífera, a placenta por exemplo – bem representa essa parte de si mesmo que o indivíduo perde ao nascer, e que pode servir para simbolizar o mais profundo objeto perdido. Para todos os outros objetos, eu poderia evocar a mesma referência. (LACAN, 1964[2008], p.193)

Na definição da libido (pulsão sexual), a pulsão já está com sua modalidade de ser sexuada, logo, já com a presença do simbólico e do desejo e a pulsação do inconsciente fica atrelada a realidade sexual:

A libido é a presença efetiva, como tal, do desejo. É o que resta agora a apontar do desejo – que não é substância, que aí está ao nível do processo primário, e que comanda o modo mesmo de nossa abordagem. (LACAN,1964[2008],p.151)

Por outro lado, a morte se transforma no desejo de vida imortal, e nossa pulsão está focada nessa busca da imortalidade. Os objetos a trazem recordações da libido perdida e fazem parte do movimento pulsional para alcançar a imortalidade, porém, sabemos que não é possível reduzir por completo nossa angústia de ser humano, ser sexual.

Diante disso, Jaanus (1995) questiona se existiria um prazer imortal sem sentido que desconhecemos por sermos seres demasiadamente humanos, além de nos localizarmos a partir do advento da linguagem e da ciência, que nos distancia da vida “pré-humana”. O autor acusa nossa cultura como fixada na sensualidade e no imaginário narcisista (fama, dinheiro, sucesso), que nos atrapalharia a iniciar um “novo gozo”, que poderia ir além do que a humanidade conhece antropologicamente – um gozo com o ar, com o mar, com a floresta...

Garcia-Roza (1995) afirma que não há sentido no termo “pulsão sexual” desde o início, já que o sexual pertenceria ao registro do desejo e não da pulsão, estando relacionado ao simbólico, que somente se constituiria após a captura das pulsões pela rede significante.

Assim, para o autor, as pulsões em si não possuem ordem e a possível organização que vemos é decorrente da imposição da estrutura de significantes. Essa submissão da pulsão à articulação significante surge para a “criação” de um objeto, com o auxílio da fantasia, que acaba por caracterizar o

sexual. Desta forma, é na medida em que a satisfação é mediada pela representação e pelos significantes que este sexual é constituído.

Mesmo assim, o real da pulsão continua sendo seu suporte, mesmo após o sexual ter dado “forma” à pulsão:

O sexual é a determinação que a pulsão vai receber, e não o atributo da pulsão ela mesma. Enquanto pura potência, a pulsão é vazia de forma, de sentido; não é nem sexual, nem agressiva, nem de sociabilidade, mas pulsão pura e simplesmente. Quando distinguimos “pulsão oral”, “pulsão anal”, “pulsão fálica”, “pulsão escópica” etc., o que fazemos é apontar a diversidade das fontes pulsionais e não estabelecer uma diferença qualitativa com respeito às pulsões elas mesmas. (GARCIA-ROZA, 1995, p.161)

Portanto, para Garcia-Roza, a diferenciação entre as pulsões poderia ser feita através do modo de presentificação delas no aparelho psíquico e o dualismo pulsional só poderia ser apresentado como um dualismo de modos da pulsão, e não da natureza ou qualidade das pulsões elas mesmas.

Para o autor, este dualismo de modos da pulsão seria composto pelo modo conjutivo, que se apresentaria no psiquismo promovendo e mantendo conjunções e uniões, “de vida” e o modo disjuntivo, que se presentificaria “fazendo furo”, “de morte”.

Assim, a partir deste pensamento, o conceito de morte possibilita pensar uma região na psicanálise que o caos pulsional exista, em oposição à ordem do aparelho psíquico. Isto implicaria em uma queda da ideia que foi apresentada por Freud sobre a predominância do princípio do prazer, só podendo ser válida no que diz respeito ao aparelho psíquico:

Ele é hegemônico apenas no que se refere ao funcionamento do aparato psíquico, mas aquilo que está para além do aparato psíquico está também para além do princípio do prazer, e um dos modos de

presentificação desse “além” no psiquismo é disjuntivo, destrutivo, desfazendo as formas constituídas, dando lugar à emergência de novas formas. (GARZIA-ROZA, 1995, p.162)

É na “emergência de novas formas”, especialmente de novas manifestações sintomáticas, que vemos a pulsão de morte enquanto potência destrutiva/disjuntiva, impedindo a repetição do mesmo e a permanência das formas já constituídas.

É através dessa leitura que podemos perceber a pulsão de morte para além da ideia de retorno às formas anteriores e, acima de tudo, entendê-la como a verdadeira potência criadora, produtora de novos começos, da novidade, do novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre
entre as pedras: liberdade caça jeito. (Manoel de Barros)*

Diante da afirmação freudiana de que as pulsões são a doutrina mais importante, porém, a mais incompleta da teoria psicanalítica, fomos convidados a nos ocupar do tema, destacando seu estatuto de ficção teórica original, que produziu uma nova forma de inteligibilidade e inúmeras interrogações, assim como ambiguidades. Nossa meta era precisar e apreender a complexidade da definição desse conceito e de seu desenvolvimento na teoria psicanalítica.

A partir dos elementos que compõem a pulsão apresentados por Freud, a situamos na fronteira entre o anímico e o somático, sendo ela um estímulo para o psíquico, presentificada no aparelho pelos seus representantes (*Vorstellung* e *Affekt*). Sua fonte é localizada no interior do próprio corpo (órgãos) e sua pressão é constante (*konstant Kraft*), não cessando de visar a satisfação.

Passamos também pelas suas vicissitudes e conseguimos abarcar o ponto mais variável da pulsão, seu objeto. Constatamos que o objeto pulsional se encontra no nível contingencial, ou seja, não é específico nem ligado à pulsão originalmente e sua escolha é feita a partir da história do sujeito, seus desejos e fantasias, sem determinações ou caminhos previamente traçados.

Na tentativa de sustentar o dualismo pulsional presente desde o início de sua obra, passamos pelas reformulações da pulsão que Freud realizou ao

longo de seu trabalho a fim de sustentar sua teoria que tem como base a noção de conflito, como motor do aparelho psíquico e da relação do humano com a realidade, tanto externa como interna.

No “fim”, a pulsão de morte foi considerada por ele a “pulsão por excelência”, deixando espaço para um lugar nunca pensado antes, que estaria para além do princípio do prazer, para além da representação.

No contato com o pensamento de Lacan a respeito das pulsões, vimos que toda pulsão de vida pode ser considerada, virtualmente, pulsão de morte, sendo esta a raiz e essência de seu movimento, já que não há representação na pulsão em si mesma.

A libido, assim, seria a representação, portanto, sexuada, pois aí já se tem a presença do simbólico. Já a pulsão de morte aponta para o real, para o furo, para o vazio constituinte de todo ser falante. É neste momento que marcamos ainda mais a pulsão como colagem surrealista, sem começo, sem fim, sem fecho, indeterminada, com seus elementos descontínuos.

O caráter circular da pulsão foi destacado por Lacan, que põe em questão o que é da ordem da satisfação plena, sendo seu alvo o próprio vaivém em que se estrutura e seu retorno em circuito. Desta forma, se *faire* (“se fazer ser”) foi considerado o verdadeiro verbo da pulsão, indicando seu caráter circular, indo além da binaridade ativo-passivo apresentada por Freud, que pressupõe a ideia de encaixe.

A sexualidade humana é marcada pela falta de objeto, sendo a falta que constitui o objeto da pulsão a mesma que constitui o núcleo inconsciente, sendo topologicamente do mesmo nível.

Através da articulação feita do objeto da pulsão com o objeto *a*, objeto enquanto faltoso, conseguimos apontar para a presença do vazio. No âmbito do objeto, sublinhamos que o que prevalece é sua faceta real, associada ao *das Ding* freudiano, que traz a representificação do real sem nome originário e sem imagem.

Concluimos que a pulsão rodeia os objetos *a*, contornando-os em busca da satisfação, mesmo que seja sempre, de forma parcial. Na busca do objeto perdido, temos aí destacada a insatisfação como marca do ser humano, que se relaciona diretamente com o nível do impossível e com o registro do real, podendo esta somente obter satisfações não-todas.

Na relação com a linguagem, a pulsão ocupa um lugar de silêncio, de algo além. Ao mesmo tempo, situa-se aquém da linguagem, da representação, do inconsciente, do simbólico; se encontra no limite.

Novamente, é importante sublinhar que a distinção de pulsão e instinto se fez necessária ao longo de todo trabalho devido às más interpretações do texto freudiano, assim como de suas traduções imprecisas, que trouxeram consequências para o reconhecimento da pulsão como conceito inovador.

Meu desejo de saber mais sobre o tema foi despertado através da impressão pessoal de que o conceito é estudado e discutido bem menos do que merecia. A partir disso, foi traçado um caminho que nos permitiu visitar diversos conceitos freudianos e lacanianos que se articulam com este conceito fundamental da psicanálise.

Das possibilidades de reflexões futuras, destaco a importância de articular a pulsão com a clínica psicanalítica, ponto que não consegui abarcar

neste trabalho, porém que considero crucial para a criação e reflexão de nossa prática e ética. Se a pulsão é potência vital e disjuntiva, fica claro que essa força pode impelir o sujeito na direção da repetição do mesmo, aprisionado numa “fixação” de gozo, mas também pode demandar a criação, a produção, o novo. Usando os termos freudianos, fica a questão: que vicissitudes determinam, na singularidade de cada existência, os destinos e os efeitos da pulsão?

Diante disso, produzem-se as seguintes questões a cerca da pulsão: que clínica produzimos tendo este conceito como referência-base? O que fazer com a pulsão em um processo analítico? É possível (devemos) interpretá-la em uma análise? Como articulá-la com o gozo e a posição de cada sujeito? O que ela tem a ver com o fim de análise?

O campo da pulsão é amplo. Na época em que Freud começou a trabalhá-lo, a pulsão não era algo factível, nem um dado ou conceito formulado, fechado. Até hoje, não é, e talvez, nunca venha a ser. Interessa-nos, particularmente, focalizar o destino pulsional pela via do sintoma. A articulação entre pulsão e sintoma é ampla e parece que, assim como a própria pulsão, é uma constante re-afirmação do acaso, do que escapa à ordem, do incontrolável, do que nunca pode ser totalmente captado. Anárquica e produtora de diferenças, essa relação entre pulsão e sintoma configura um desafio permanente à prática do psicanalista e causa de desejo para uma continuidade de pesquisa e estudo.

Parece que, ainda, podemos criar muito...

BIBLIOGRAFIA

BROUSSE, M.H. (1995) *A pulsão I*. In: FELDSTEIN et al., Para Ler o Seminário 11 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 115-124.

_____. (1995) *A pulsão II*. In: FELDSTEIN et al., Para Ler o Seminário 11 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 125-133.

DIAS, M.M.; FINGERMAN, D. (2005) *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras.

FINK, B. (1995) *A causa real da repetição*. In: FELDSTEIN et al., Para Ler o Seminário 11 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 239-245.

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* – In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. VII – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.117-231.

_____. (1910) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* – In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XI – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.217-227.

_____. (1914) *Recordar, repetir e elaborar* – In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XII – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.163-171.

_____. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução* – In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XIV – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.75-113.

_____. (1915) *Os instintos e suas vicissitudes* – In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XIV – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.123-144.

_____. (1915) *Repressão* – In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. VII – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.151-162.

_____. (1920) *Além do princípio do prazer* - In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XVIII – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.17-72.

_____. (1930) *O mal-estar na civilização* - In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XXI – Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.67-148.

GARCIA-ROZA, L.A. (1986) *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões* – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. (1990) *O mal radical em Freud* – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. (1995) *Introdução à metapsicologia freudiana v.3* – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HANNS, L.A. (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud* - Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1999) *A teoria pulsional na clínica de Freud* – Rio de Janeiro: Imago.

JAANUS, M. (1995) *A desmontagem da pulsão*. In: FELDSTEIN et al., Para Ler o Seminário 11 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 134-152.

JORGE, M.A.C. (2000) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. I: as bases conceituais* – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. (1964) *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1966) *Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista*. In: *Écrits*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.865-868.

_____. (1966) *Posição do inconsciente*. In: *Écrits*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.843-864.

_____. (1966) *Subversão do sujeito e dialética do desejo*. In: *Écrits*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.807-842.

LAPLANCHE,P; PONTALIS,J.B. (1982) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILLER, J-A. (2005) Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, v.43, p.07-45, maio 2005.

SCHERMANN, E.Z. (2003) *O gozo en-cena*. São Paulo: Escuta.

VALAS, P. (1998) *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.